

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARCAS DE ORALIDADE EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE
PARINTINS - AM

PARINTINS-AM

2023

ANTONIO DONALDSON PEREIRA DO NASCIMENTO

MARCAS DE ORALIDADE EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE
PARINTINS - AM

Monografia apresentada à Universidade do
Estado do Amazonas como exigência parcial
para obtenção do grau de licenciado em Letras.

ORIENTADORA: MARIA CELESTE DE SOUZA CARDOSO

PARINTINS-AM

2023

ANTONIO DONALDSON PEREIRA DO NASCIMENTO

MARCAS DE ORALIDADE EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE
PARINTINS - AM

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Amazonas
como exigência parcial para obtenção do grau de licenciado em
Letras.

APROVADA EM _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

MARIA CELESTE DE SOUZA CARDOSO (ORIENTADOR)

FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO (AVALIADOR)

WESLEY DIAS CERDEIRA (AVALIADOR)

Primeiramente a Deus, por ter permitido que eu chegasse até aqui fazendo com que esse sonho se concretizasse.

Aos meus pais, Rossinir Alves do Nascimento e Maria Pereira Araújo do Nascimento, que foram meus alicerces para isso acontecer, apoiando-me nas horas de desânimo e cansaço.

Às minhas irmãs Antonia Kátia e Viviane que sempre acreditaram em mim e no meu potencial.

A todos da minha família pelo apoio que me deram durante toda a minha vida.

A minha magnífica orientadora Prof. Msc. Celeste de Souza Cardoso, por quem tenho um enorme respeito e admiração. Pelo suporte, correções e incentivos que me repassou durante orientações de Trabalho de Conclusão de Curso.

A todo o corpo docente do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, pelos valiosos ensinamentos a mim passados, aos professores Delma Pacheco, Dilce Pio, Edinelza Ribeiro, Franklin Roosevelt, Gleidys Maia, Luiz Alberto, Patrícia Reis, Weberson Grizoste e demais professores dos outros colegiados que contribuíram com seus ensinamentos.

A esta universidade por me proporcionar a oportunidade de cursar o nível superior.

Aos meus amigos pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo apoio em todos os momentos delicados da minha vida.

A todos os meus colegas de curso, pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante este ano.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse sonho.

Agradeço.

Aos meus pais por não pouparem nenhum esforço para que eu concluísse o nível superior, ensinando-me os valores educacionais os quais levarei para toda vida, sua grande força foi a mola propulsora que permitiu o meu avanço, mesmo durante os momentos mais difíceis eles sempre se fizeram presentes. Às minhas irmãs que interruptamente acreditaram em mim. A minha orientadora Prof. Msc. Maria Celeste de Souza Cardoso, pela postura impecável que manteve ao meu lado diante das adversidades que o tema apresentava. E por fim, a todos os meus amigos e colegas. Agradeço do fundo do meu coração

Dedico.

“O sucesso nada mais é que ir de fracasso em fracasso sem que se perca o entusiasmo”. (**Winston Churchill**).

RESUMO

As modalidades da língua apresentam variações, sejam elas linguagem oral ou linguagem textual, tais variações de acordo com os conceitos sociais vigentes são apresentadas como “erros”. No entanto, tais conceitos mostram-se contra os argumentos de estudiosos da área da linguagem. Visto que para eles, os desvios que acontecem em uma língua, trata-se de variações que ocorrem por diversos fatores. Este estudo, discorre acerca das modalidades oral e escrita da Língua Portuguesa, mas especificamente a respeito das marcas de oralidade. Os sujeitos de nosso trabalho são alunos do 9º ano de uma escola estadual da rede pública de Parintins-Am, bem como duas professoras de Língua Portuguesa que trabalham diretamente com esses alunos. A metodologia apresenta-se de cunho qualitativo, visto que, busca-se a interpretação e descrição dos dados. Constitui-se através de pesquisas bibliográfica, de campo e pesquisa descritiva. Assim, utilizamos como aporte teórico os estudos de Bessa (2012), Marcuschi (2010), Sá (2007), Bagno (2008), bem como outros estudiosos os quais fazem suas contribuições sobre assuntos relevantes a este trabalho.

Palavras-chave: Linguagem Oral; Linguagem Escrita; Produção Textual; Alunos; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Language modalities present variations, whether oral language or textual language, such variations according to current social concepts are presented as “errors”. However, such concepts are against the arguments of scholars in the field of language. Since for them, the deviations that occur in a language are variations that occur due to several factors. This study discusses the oral and written modalities of the Portuguese language, but specifically about orality marks. The subjects of our work are 9th grade students from a state public school in Parintins-Am, as well as two Portuguese language teachers who work directly with these students. The methodology presents a qualitative nature, since the interpretation and description of the data is sought. It is constituted through bibliographical, field and descriptive research. Thus, we use as theoretical support the studies of Bessa (2012), Marcuschi (2010), Sá (2007), Bagno (2008), as well as other scholars who make their contributions on matters relevant to this work.

Key-words: Oral Language; Written Language; Textual Production; Students; Elementary School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I.....	17
1.1 LÍNGUA: MODALIDADE ORAL E ESCRITA.....	17
1.2 A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO ORAL E DO TEXTO ESCRITO.....	23
1.3 A UTILIZAÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO FORMA DE REFLEXÃO SOBRE LINGUAGEM ORAL E LINGUAGEM ESCRITA.....	26
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
2.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	30
2.2 TIPOS DE PESQUISA.....	31
2.3 MÉTODOS DE ABORDAGEM.....	32
2.4 MÉTODOS DE PROCEDIMENTOS.....	33
2.5 TÉCNICAS DE PESQUISA.....	34
2.6 UNIVERSO E AMOSTRA.....	35
2.7 SUJEITOS DA PESQUISA.....	36
2.8 ANÁLISE DA PESQUISA.....	36
CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DISCURSÕES DOS RESULTADOS.....	37
3.1 ANÁLISE DO PRIMEIRO TESTE DISGNÓSTICO.....	37
3.2 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	42
3.3 OFICINA: ANÁLISE E REFLEXÃO.....	46
3.4 ANÁLISE DO SEGUNDO TESTE DIAGNÓSTICO.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICES.....	59
ANEXOS.....	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Fragmento de uma produção textual da aluna “1” do 9º ano “1”.....	38
Figura 02: Fragmento de uma produção textual do aluno “2” do 9º ano “1”.....	39
Figura 03: Fragmento de uma produção textual da aluna “3” do 9º ano “2”.....	39
Figura 04: Fragmento de uma produção textual do aluno “4” do 9º ano “1”.....	39
Figura 05: Fragmento de uma produção textual da aluna “5” do 9º ano “2”.....	40
Figura 06: Fragmento de uma produção textual da aluna “6” do 9º ano “2”.....	40
Figura 07: Fragmento de uma produção textual da aluna “7” do 9º ano “1”.....	40
Figura 08: Fragmento de uma produção textual da aluna “8” do 9º ano “2”.....	41
Figura 09: Fragmento de uma produção textual da aluna “9” do 9º ano “1”.....	49
Figura 10: Fragmento de uma produção textual do aluno “10” do 9º ano “2”.....	49
Figura 11: Fragmento de uma produção textual da aluna “11” do 9º ano “1”.....	49
Figura 12: Fragmento de uma produção textual do aluno “12” do 9º ano “2”.....	50
Figura 13: Fragmento de uma produção textual do aluno “13” do 9º ano “1”.....	50
Figura 14: Fragmento de uma produção textual do aluno “14” do 9º ano “2”.....	51
Figura 15: Fragmento de uma produção textual do aluno “15” do 9º ano “1”.....	51
Figura 16: Fragmento de uma produção textual do aluno “16” do 9º ano “1”.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Total de casos em que se constatou marcas de oralidade na escrita dos alunos a partir da produção textual.....	41
Tabela 2: Você poderia conceituar linguagem oral e linguagem escrita?.....	43
Tabela 3: É comum encontrar marcas de oralidade nas produções textuais dos alunos?.....	44
Tabela 4: Você acha mais importante ser trabalhado em sala de aula a linguagem oral ou a linguagem escrita? Por quê?.....	45
Tabela 5: Total de casos em que se constatou marcas de oralidades na escrita dos alunos a partir da produção textual referente ao segundo teste diagnóstico.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dicotomias estritas.....	21
------------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PNC – Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

INTRODUÇÃO

A oralidade é uma modalidade da língua que é praticada de forma espontânea e natural, no qual, dependendo do ambiente e situação, não há a necessidade e exigências formais do uso culto da língua. A escrita é um modo linguístico que requer uma execução mais formal, que é adepta de regras gramaticais regidas pela norma padrão da Língua Portuguesa. Embora sejam expressões de um mesmo idioma, cada uma tem a sua especificidade.

A linguagem oral é aprendida naturalmente pelo convívio com outros falantes, a linguagem escrita, na maioria das vezes, é aprendida por um processo de escolarização. Dentre as duas modalidades, a linguagem oral é mais usada casualmente, visto que no dia a dia somos mais expostos a diálogos, falamos mais do que escrevemos. A escrita não está restrita somente à formalidade de ambientes profissionais ou acadêmicos. Considerando que existe uma grande interatividade pelos meios de redes sociais todo e qualquer momento ocorre o ato de comunicação através de textos escritos, mas ainda assim, dentro desse contexto existem diversas possibilidades de tipos de linguagens, nas quais são consideradas as variações linguísticas.

A referente pesquisa aborda as marcas de oralidade em produções textuais de alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Parintins – AM. Nas observações feitas durante o estágio supervisionado, pode-se perceber que os alunos utilizavam em suas produções textuais, termos considerados marcas de oralidade (gírias, abreviações, expressões populares, entre outras). Dada essa constatação, houve o interesse de investigar como a linguagem oral se relaciona com a linguagem escrita desses alunos, fazendo a partir disto, utilizarem em suas produções, tais termos.

O objetivo geral desta pesquisa aponta para descrever a relação entre a oralidade e escrita dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. E como objetivo específico apresentamos três: verificar as marcas de oralidade em produções textuais dos alunos do 9º ano; analisar o nível de marcas de oralidade em produções textuais dos alunos do 9º ano e, por fim, propor oficinas de produção textual para duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental no sentido de melhorar a escrita formal desses estudantes.

A metodologia apresenta-se de cunho qualitativo, visto que, busca-se a interpretação e descrição dos dados. Este trabalho constitui-se de pesquisas bibliográficas, no qual, buscam-se obras já publicadas para conhecer e analisar assuntos importantes para a pesquisa. Referindo-se a isto, se faz importante dizermos que a pesquisa de campo foi imprescindível, visto que tem por finalidade observar fatos e fenômenos da maneira como ocorrem na realidade por meio da coleta de dados. Utilizamos também a pesquisa descritiva, no qual pode ser conceituada como aquela que descreve uma realidade. Após, partimos para o processo de classificação, análise e interpretação dos dados adquiridos durante a realização deste trabalho.

A pesquisa teve como questões norteadoras: o nível das marcas de oralidade presentes em produções textuais dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, se a linguagem oral age sobre a linguagem escrita e se o uso de oficinas pode contribuir para a efetivação da escrita desses alunos. Assim, tais questões nos deram base para a concretização da pesquisa e para termos conhecimentos acerca do problema a ser investigado pelo pesquisador.

Trabalhar a linguagem oral e a linguagem escrita durante todo o Ensino Fundamental é importante para que os alunos estejam bem orientados, e saibam fazer o uso correto das regras ao concluírem essa fase educacional, de modo que eles já tenham recebido e assimilado todas as informações necessárias para que eles possam trilhar seus caminhos sozinhos e aprendam a importância de se construir bons textos para diferentes finalidades.

Partindo da temática apresentada, o desenvolvimento deste trabalho é relevante por tratar de questões frequentes no âmbito escolar, e que devem ser questionadas e analisadas, a fim de explicar como ocorre esse processo, e por quê ocorre. Para um melhor entendimento de tais assuntos, utilizamos como aporte teórico os estudos de Bessa (2012), Marcuschi (2010), Sá (2007), Bagno (2008), bem como outros autores e suas contribuições relevantes para esta pesquisa.

Deste modo, partindo do que foi exposto, este trabalho mostrar-se de suma importância para todos aqueles que se interessam em estudar a linguagem oral e linguagem escrita e assim possa oferecer conhecimentos em relação a ambas modalidades da língua.

O trabalho é dividido em cinco partes. Na introdução, apresentamos de maneira geral nossos objetivos, questões norteadoras e outros elementos

importantes a esta pesquisa. No que se refere, no primeiro capítulo apresenta-se algumas revisões bibliográficas referentes ao estudo proposto. Tratam-se de contribuições importantes nas quais nos embasamos em nossa pesquisa. Este capítulo divide-se em três tópicos, sendo eles: “Linguagem: modalidade oral e escrita”; “A organização do texto oral e do texto escrito”; “A utilização da sociolinguística no ensino da língua portuguesa como forma de reflexão sobre linguagem oral e linguagem escrita”.

O segundo capítulo disserta acerca dos procedimentos metodológicos que fundamentam nossa pesquisa. Mostram-se os tipos de pesquisa, métodos, bem como todos os passos pelos quais este trabalho se desenvolveu. No terceiro capítulo, discorre-se acerca das análises e interpretações dos dados coletados, no qual divide-se em quatro momentos: análises das produções textuais referentes ao primeiro teste diagnóstico, análise das entrevistas com os professores, descrição e reflexão da oficina proposta e análise do segundo teste diagnóstico, a fim de verificar as possíveis contribuições da oficina que tivera como objetivo amenizar as marcas de oralidade nas escritas dos alunos. Por fim, é feita as considerações finais, buscando ter uma visão de tudo que foi exposto durante a efetivação desta pesquisa e respondendo se os objetivos foram alcançados.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo abordam-se conceitos e estudos referentes a marcas de oralidade, linguagem oral e linguagem escrita. Deste modo, apresentam-se alguns estudiosos, os quais serviram como base para nossa pesquisa. O capítulo encontra-se dividido em três tópicos, sendo eles: “Linguagem: modalidade oral e escrita”; “A organização do texto oral e do texto escrito”; “A utilização da sociolinguística no ensino da língua portuguesa como forma de reflexão sobre linguagem oral e linguagem escrita”. Assim, mostram-se em tais tópicos, assuntos importantes que fundamentam este trabalho.

1.1 LINGUAGEM: MODALIDADE ORAL E ESCRITA

A linguagem oral e a linguagem escrita constituem universos específicos de linguagem e, como tal, possuem suas próprias características. Assim, a modalidade escrita parece caminhar para o espaço da totalidade, do distanciamento máximo entre produtor e interlocutor, enquanto a oralidade pressupõe um envolvimento maior entre os falantes. De acordo com Silva (2012, p. 1), “a escrita e a oralidade são modalidades essenciais para a comunicação humana, elas possibilitam que o homem expresse e registre seus sentimentos, ideias e conceitos”. Deste modo, a linguagem sempre exerceu grande influência sobre a sociedade, pois é através dela que se pode interagir e haver comunicação entre o emissor e o receptor, podendo expressar seus pensamentos e ideias, ou seja, a linguagem é um processo social, interativo e dialógico. Nesta perspectiva, os PCN (1998, p. 22) destacam:

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes -, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado.

Assim, as modalidades orais e escritas são usadas para dar uma noção melhor e mais completa das atividades formais. De acordo com o meio em que o indivíduo vive, ele sofrerá forte influência tanto na escrita quanto na fala. Para Saussure (2000, p.34), “a língua e a escrita são dois sistemas distintos de signos; a

única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto”. Segundo Marcuschi e Dionízio (2007, p. 65), “[...] é uma variação que normalmente atribuímos à própria situação contextual. Ela se traduz também em graus de formalidade e informalidade”. Nesta perspectiva, os PCN (1998, p. 22) destacam ainda que a linguagem oral e a linguagem escrita, ambas dependem uma da outra, não se pode definir a língua sem que se pense na escrita ou vice-versa.

Andrade (2011) afirma que se quisermos nos debruçar a respeito dos estudos da linguagem, mais especificamente os estudos voltados à linguagem oral, devemos analisar como se instaura uma conversação espontânea, prática social que se evidencia no cotidiano do falante de uma língua. Deste modo, conhecer como funciona a linguagem oral é fundamental, uma vez que essa modalidade da língua é vista como informal do ponto de vista da norma culta da língua (gramática normativa da língua portuguesa).

A linguagem oral é desenvolvida em todo momento na vida das pessoas, seja em casa, no trabalho ou em qualquer lugar que estas estejam envolvidas. De acordo com Oliveira (2011), a linguagem oral apresenta-se como um processo social, uma vez que a fala se aprende de maneira natural e espontânea no convívio com as pessoas em nosso dia a dia. Assim, os seres humanos aprendem naturalmente desde cedo a falar e não a escrever, porém, não seria recomendável dizer aqui que a fala é superior à escrita, pois nenhuma é superior à outra. O que vale dizer é que, fica mais fácil aprender a escrever a partir do momento em que aprendemos a falar. Segundo Marcos Bagno (2008):

Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanecer e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2008, p.36).

Analisando a língua como um processo que está em constante transformação, sendo construída, desconstruída e reconstruída, é impossível acreditar que ela possa ser estável. Diante disso, Marcuschi e Dionízio ressaltam:

Tanto a fala como a escrita acompanham em boa medida a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com

as formações e as representações sociais. Não se trata de um espelhamento, pois a língua não reflete a realidade, e sim ajuda a constituí-la como atividade. Trata-se, muito mais de uma funcionalidade que está muito presente na fala. A formalidade ou a informalidade na escrita e na oralidade não são aleatórias, mas se adaptam às situações sociais. Essa noção é de grande importância para perceber que tanto a fala como a escrita têm realizações estilísticas bem variadas com graus de formalidade diversos. Não é certo, portanto, afirmar que a fala é informal e a escrita é formal. (MARCUSCHI; DIONÍZIO, 2007, p. 26).

A respeito do exposto, entende-se que a linguagem oral muitas vezes erroneamente é vista com inferioridade em comparação a linguagem escrita e em sala de aula acaba ficando em segundo plano, visto que os professores dão mais ênfase em assuntos voltados à gêneros textuais escritos, no entanto, precisa-se que se tenha equilíbrio em relação ao ensino dessas modalidades. Partindo desse pressuposto, Muniz e Cruz (2005, p. 284) abordam essa questão da supremacia da escrita em relação à fala como “um mito, pois ambas estão de maneira horizontal e paralelas, por conta disso não se pode menosprezar uma das modalidades discutidas colocando-as como inferiores”. De acordo com Andrade (2011, p. 1):

Em nossa sociedade, a escrita, como manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela passou a ser um bem social indispensável para que possamos viver e enfrentar o dia a dia, principalmente, nos centros urbanos não por virtudes próprias, mas pela forma como se impôs nas sociedades modernas e impregnou culturas.

A linguagem escrita ao contrário da oralidade, apresenta-se como uma modalidade complexa e de difícil aprendizagem, é perceptível que muitas pessoas sabem falar com bastante competência, mas quando são desafiadas a escrever essas não conseguem expressar suas ideias da mesma forma. Referente a isto, o PCN (1998) afirma que muitas pessoas não têm o contato com textos escritos em suas casas, para boa parte das crianças e jovens brasileiros a escola é o primeiro e único recinto que proporciona acesso aos textos em sua modalidade escrita, sendo que esses textos posteriormente serão ineludivelmente modelos os quais essas pessoas seguirão em suas produções:

Ao ingressarem na escola, os alunos já dispõem de competência discursiva e linguística para comunicar-se em interações que envolvem relações sociais de seu dia a dia, inclusive as que se estabelecem em sua vida escolar. Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos. (PCN, 1998, p. 24).

Assim, de acordo com o PCN (1998), a modalidade oral da língua não é tratada como um processo crítico onde os alunos possam alavancar suas concepções acerca desta modalidade da língua. Uma vez que essa é usada na escola apenas como instrumento de transmissão em relação aos conteúdos lecionados. Referente a isto, a aquisição da linguagem escrita é uma das principais tarefas que a sociedade atribui à escola, além de ser um indicador de sua eficácia no que concerne ao cumprimento desse objetivo. Percebe-se que a supervalorização da escrita predomina em relação à oralidade, os professores buscam sempre a perfeição da escrita, no qual os alunos devem escrever de maneira formal e condizente com a gramática normativa, é desta forma que Crescitelli (2011) diz que a escrita sempre foi o centro das atenções das escolas e, sobretudo, sua supervalorização vem se consolidando frequentemente, fazendo com que se tenha a grafia como centro das atenções e preocupações.

Para tratar de questões em sala de aula e também como maneira geral da comunicação o aluno precisará fazer uso da linguagem oral nas mais diversas situações fora e dentro da sala de aula, seja no trabalho, ou até mesmo na busca de um serviço, entre outros. Desta forma ele será avaliado, ou melhor, será aceito ou discriminado à medida que forem capazes de adequarem-se às diferentes exigências da fala e das características próprias de diferentes gêneros do oral. Portanto, tratar o ensino da oralidade apenas como um instrumento é pouco, pois o aluno precisará ter domínio da fala nas mais variadas formas e situações. Assim sendo, é importante saber que:

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (PCN, 1998, p. 25).

Partindo dessas ideias, pode-se perceber que a oralidade se faz importante do ponto de vista social, tendo em vista que o ser humano no decorrer de sua vida passará pelos mais diversos momentos os quais necessitará fazer uso dessa linguagem organizada e mais formal do ponto de vista da sociedade. Percebe-se

assim, que a linguagem faz parte das necessidades básicas da vida humana, e está sempre presente em nosso cotidiano, seja ela linguagem verbal, linguagem não verbal ou expressões corporais. Usamos palavras para nos comunicar com amigos, nossa família. Duas habilidades que os seres humanos usam para interagir uns com os outros

Nos dias atuais, os professores percebem que a oralidade se encontra constantemente presente na escrita, nas produções textuais, não importando qual seja a série que o aluno esteja cursando. Dessa forma, Bortoluzzi e Cristofolini (2013) ressaltam que esse processo não ocorre somente nas séries iniciais quando a criança está aprendendo a escrever, o qual acontece em toda a educação básica. Assim, sempre os professores encontram marcas de oralidade na escrita dos alunos, independentemente se estão no ensino fundamental ou médio. A seguir, mostra-se um quadro no qual fica evidente a diferença que cada uma das línguas possui:

Quadro 1. Dicotomias estritas

Fala	Escrita
<p style="text-align: center;">contextualizada</p> <p style="text-align: center;">implícita</p> <p style="text-align: center;">concreta</p> <p style="text-align: center;">redundante</p> <p style="text-align: center;">não-planejada</p> <p style="text-align: center;">imprecisa</p> <p style="text-align: center;">fragmentária</p>	<p style="text-align: center;">descontextualizada</p> <p style="text-align: center;">explícita</p> <p style="text-align: center;">abstrata</p> <p style="text-align: center;">condensada</p> <p style="text-align: center;">planejada</p> <p style="text-align: center;">precisa</p> <p style="text-align: center;">integrada</p>

Fonte: Marcuschi, 2010, p. 28.

Podemos observar nesta tabela, partindo de um ponto de vista social bem como de um ponto de vista dicotômico, a escrita torna-se “superior” à oralidade,

sendo, portanto, a norma que de um ponto de vista ideológico é a ideal a ser seguida. No entanto, “a perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua. Seguramente, trata-se de uma visão a ser rejeitada” (MARCUSCHI; DIONÍZIO, 2007, p. 28).

As modalidades oral e escrita da língua, estão sempre ligadas uma à outra e não tem espaço para supremacia de qualquer natureza de uma das modalidades. Assim, tanto a modalidade oral quanto a escrita carregam traços os quais são típicos de suas especificidades, desta forma, a fala abre espaço para elementos como: pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos, entre outros. De tal modo que a oralidade é vista como espontânea, de uso simples e informal diante da escrita.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 17), “a escrita não pode ser tida como uma representação da fala”. Uma vez que a fala apresenta alguns fenômenos que não são encontrados na escrita. Bessa; Oliveira; Bezerra enfatizam que:

Na escrita, não se pode reproduzir alguns fenômenos que são próprios da fala como, por exemplo, movimentos do corpo e dos olhos, gestualidades, entre outros. Já a escrita apresenta características próprias e que são ausentes na fala, como, tamanho e tipos de letras, cores, formatos e tantos outros. (BESSA; OLIVEIRA; BEZERRA, 2012, p.203).

Partindo dessa ideia mostrada pelo autor, podemos dizer que ambas as modalidades têm suas próprias características, no entanto, não se pode afirmar que se trata de dois sistemas diferentes da língua, nem como tratá-las também como um sistema dicotômico, é desta forma que Marcuschi (2010, p. 10) diz que “a fala e a escrita andam sempre juntas”.

Além dos PCNs, como já foi mostrado aqui, outros autores também abordam a escrita com sendo uma prática a qual é adquirida exclusivamente no contexto escolar. Assim, Muniz e Cruz (2005, p. 281), dizem que “a escrita (enquanto manifestação formal do letramento) é referida como um elemento adquirido em contextos formais: na escola”. A escrita mostra-se então uma modalidade a qual não faz parte do processo natural do homem, ou seja, é perceptível que, para o homem aprender a escrever, este necessita de um mediador e, sobretudo, está inserido em um ambiente que permita tal habilidade. Portanto, os autores defendem que um espaço ideal para a aprendizagem da escrita é justamente a escola.

Marcuschi e Dionísio (2007) discutem acerca da linguagem escrita colocando-a como uma modalidade a qual é crucial seu ensino nas escolas, assim, não há nada de errado nisso uma vez que as exigências da sociedade colocam a escrita como parte fundamental, no entanto, os autores afirmam que “deve-se ter precauções com relação a isso, haja vista, que o domínio da língua e seu conhecimento primeiro é de natureza oral” (p 16).

Para Andrade (2011), tratando-se das duas modalidades (oralidade e escrita), podemos dizer que como manifestação da prática oral, a fala é adquirida de modo natural em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais que se estabelecem desde o momento em que o bebê tem seus primeiros contatos com a mãe. O aprendizado e o uso da língua natural são uma forma de inserção cultural e socialização. Já a escrita é a manifestação formal do letramento. Ela é adquirida em contextos formais, principalmente na escola, e apresenta caráter de maior prestígio como bem cultural desejável.

Portanto, percebe-se que a linguagem oral e a linguagem escrita são importantes em suas formas e usos, uma vez que cada uma delas possui suas peculiaridades. Assim, caracterizam-se como práticas e usos da língua com especificidades e condições distintas de realização, mas não suficientemente opostas. Ambas possibilitam a criação de textos coesos e coerentes, permitindo a elaboração de exposições formais e informais, sociais, dialetais, entre outras.

1.2 A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO ORAL E DO TEXTO ESCRITO

Entende-se textos orais (linguagem oral) como naturais, fluidos, variável e dependente do contexto social e cultural do falante, no qual o texto oral vai contar com recursos extralinguísticos (expressões corporais e faciais) que poderão complementar a comunicação no entendimento da mensagem que se objetiva passar para o receptor.

A respeito da linguagem escrita, esta se apresenta por seguir a rigor as regras gramáticas e ortográficas (dependendo do gênero textual) e há o uso de vocabulário amplo, não permitindo gírias, coloquialismos e abreviações em seus registros. Dessa forma, quando os estudantes produzem um texto, pode haver dificuldade de se distanciar a linguagem oral (espontânea) da linguagem textual (planejada). Isso acontece por descuido ou mesmo por não dominarem a norma padrão culta. Diante

disso, a introdução de termos que não se adequam na linguagem textual é frequente, no qual os alunos acabam fazendo uma mistura, entre oralidade e linguagem escrita em suas produções, resultando em marcas de oralidade. Diante desta problemática, para Bortoluzzi e Cristofolini (2013), os erros ortográficos resultantes da interferência da oralidade não podem ser percebidos pelo professor como uma deficiência na escrita, mas sim como demonstrativos da incompreensão dos alunos das relações existentes entre fala/escrita.

Para se estudar a oralidade, é fundamental analisar como se instaura uma conversação espontânea, prática social que se evidencia no cotidiano do homem. Segundo Andrade (2011, p. 10),

A conversação pode ser definida como uma atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios da vida diária. Eles organizam sua fala em turnos, que se alternam sem uma disposição fixa, o que caracteriza o evento em relativamente simétrico (quando os participantes alternam constantemente seus turnos) ou relativamente assimétricos (quando um dos interlocutores permanece com a palavra por mais tempo que os demais).

A ocorrência de um evento da linguagem oral em um determinado tempo e situação social, seja face a face, por telefone, via internet entre outras, é uma prática constante em nossa sociedade atual. Além disso, é perceptível a interatividade em todas as práticas conversacionais, dado que ocorre envolvimento entre os participantes em uma dada situação discursiva. “É durante a interação e por causa dela que se criam efeitos de sentido, constituindo um fluxo (movimento de avanço e recuo) de produção textual organizado” (ANDRADE, 2011, p. 10).

Devido ao caráter de imprevisibilidade em relação aos elementos estruturais, o texto falado deixa entrever o seu processo de organização, tornando-se possível perceber sua estrutura, bem como suas estratégias organizacionais. Desse modo, observam-se nessa modalidade muitos cortes, interrupções, retomadas, sobreposições, entre outros. Referente a isto, o desenvolvimento do texto falado, segundo Andrade (2011, p. 11), “está diretamente ligado ao modo como a atividade interacional se organiza entre os participantes. Essa organização resulta de decisões interpretativas, inferidas a partir de pressupostos culturais e de conhecimento de mundo, tomadas durante o curso da conversação”.

O texto escrito tem no parágrafo uma de suas unidades de construção. Essa unidade é composta de um ou mais períodos reunidos em torno de ideias estritamente relacionadas. Nos textos, em geral, a cada parágrafo deve relacionar-se uma ideia importante, não havendo normas rígidas para a estruturação do parágrafo. De fato, o produtor pode fazer uso da paragrafação para marcar a sua intencionalidade. A respeito disto, Andrade (2011, p.7), afirma que:

Em termos práticos, os parágrafos podem ser indicados por recursos visuais: espaço de entrada junto à margem esquerda ou linha em branco na passagem de um parágrafo para outro. Embora a extensão do parágrafo seja variável, a observação mostra que a tendência moderna é a de não usar parágrafos muito longos. Quanto à estrutura, o parágrafo-padrão organiza-se como um pequeno texto (microtexto), apresentando introdução, desenvolvimento e conclusão.

A variedade de textos implica a diversidade de construção de parágrafos. Temos, então, a estrutura do parágrafo narrativo, a do descritivo e a do dissertativo. Enquanto o núcleo do parágrafo dissertativo é uma determinada ideia (ideia-núcleo ou ideia principal), o do narrativo é um incidente (episódio curto ou fragmento de episódio) e o do descritivo é um quadro (fragmento de paisagem, ambiente ou ser em um determinado instante, observado a partir de determinada perspectiva).

Desta forma, as condições de produção ocorrem de maneira bastante peculiar em cada uma das modalidades da língua, pois são diferentes as maneiras de produção da linguagem oral com relação à linguagem escrita. Um texto oral ocorre no momento enunciativo da interação entre o receptor e o emissor. A linguagem escrita, por sua vez, tem uma produção diferente, visto que, a princípio se tem a necessidade de buscar ideias, depois, a partir de tais ideias, busca-se a realização da escrita, apresentando em sua estrutura: coerência, coesão e clareza. Tratar-se de uma interação à distância, em que não há possibilidade de participação direta e imediata do interlocutor.

1.3 A UTILIZAÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO FORMA DE REFLEXÃO SOBRE LINGUAGEM ORAL E LINGUAGEM ESCRITA

Quando se propõe em falar de linguagem é importante ter em mente que essa se encontra na sociedade em suas mais variadas formas de usos, portanto, a partir

desse pressuposto, abordaremos neste tópico assuntos importantes a respeito da Sociolinguística, trazendo-a para sala de aula, especificamente nas aulas de língua portuguesa, servindo como instrumento de reflexão a respeito da linguagem oral e textual.

De acordo com Sá (2007, p. 39), “o termo sociolinguística tem sido usado para conceituar o estudo da língua em seu contexto social, ou seja, é um campo de investigação que descreve todas as áreas do estudo da relação entre língua e sociedade”. Em outras palavras, a Sociolinguística pode ser definida como a área da linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos, concebendo os dois domínios, o social e o linguístico, como organizados, sistematizados e relacionados.

Sabe-se que o Brasil distingue-se por ser um país gigantesco, tanto geograficamente como culturalmente e conseqüentemente a linguagem apresentará também suas vastas variações por conta disto, no qual, aparecem nas mais diversas formas dentro da sociedade. Referente a isto, segundo IPHAN (2016), no Brasil são faladas centenas de línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, línguas surgidas das situações de contatos nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de falares remanescentes das diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravagista. Assim,

Embora o Português seja língua oficial e majoritária do país, suas variedades podem ser objeto de ações de promoção e valorização. Essas variedades internas ao português decorrem de fatores históricos, geográficos e étnico-culturais que influenciam a conformação de elementos linguísticos que demarcam identidades de falares regionais (variedades diatópicas) e de segmentos sociais específicos (variedades diastráticas). (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 2016, p.14).

A sociedade constantemente passa por processo de mudanças, no qual, a língua também muda, uma vez que ambas encontram-se ligadas uma a outra. As mutações as quais ocorrem na língua acontecem dentro de um determinado tempo e espaço. De acordo com Saussure (2000), as mudanças na língua e, sobretudo a variação se dá dentro de dois processos: sincrônico e diacrônico. Sincronia é estudar os fenômenos da língua em uma determinada fase/época, por outro lado, a

diacronia é o estudo da língua que engloba as mudanças ocorridas através do tempo.

Partindo da ideia de que a língua é dinâmica e conseqüentemente variável, faz-se relevante analisar o estudo da variação linguística, haja vista que esse processo da língua engloba diferentes níveis e fatores os quais devem ser discutidos em sala de aula levando os alunos a entenderem que além da norma culta, a qual apresenta-se com mais frequência nas salas de aula, existem também outras formas e não podem ser vistas como “erro”, mas sim como variedades linguísticas. Assim,

Diante da assunção da existência de várias normas linguísticas, todas igualmente válidas, tornou-se polêmico falar em erro na língua, uma vez que todos os usos possíveis no sistema linguístico são próprios senão de uma, então de outra variante. Dessa forma, o erro passa a ser relativizado, e, entre os profissionais que trabalham com as questões da língua, existe certa cautela com o tratamento de questões relativas à adequação às normas linguísticas. (POLL, 2008, p. 86).

Isto posto, entende-se que trabalhar a linguagem tendo em vista a Sociolinguística, é trabalhar as mais variadas formas de uso da língua. Acredita-se ser importante a inserção da Sociolinguística na sala de aula, uma vez que os alunos precisam ter ciência dos mais variados discursos existentes na sociedade bem como conhecer as valorações que esses carregam. Seguindo esse raciocínio, Bortoni-Ricardo (2004) aborda que no lugar da expressão “erro” seria mais adequado usar “diferenças” uma vez que segundo ela, não mais existem erros e sim maneiras diferentes de uso da língua nos mais variados contextos nos quais é empregada. Diante disto, Travaglia (2002, p. 66) afirma que “é preciso substituir definitivamente a ideia de uso certo e errado pela de uso adequado e não adequado”.

Desta forma, percebe-se que os autores defendem a ideia de que o erro é uma questão para ser tratada de maneira diferente nas salas de aula, tendo em vista que o professor, sobretudo os de línguas, necessitam ter conhecimento acerca dessas questões para não agir de forma equivocada. Portanto, esses profissionais são peças cruciais para transformar o pensamento da sociedade que enxerga todas as variações da língua como erro. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, já no final do século passado, reconheceram a diversidade linguística do português brasileiro e o preconceito linguístico associado às diferentes variedades (PCN, 1998). A BNCC estabelece a análise da variação linguística, em seus diferentes níveis e em suas

diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), como forma de ampliar a compreensão da dinamicidade e heterogeneidade da língua e da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, de modo a fomentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BNCC, 2018). O desenvolvimento dessas habilidades só é possível com maciça formação linguística e sociolinguística do professor, uma vez que:

O papel do linguista é descrever a língua em suas múltiplas manifestações e oferecer hipóteses consistentes para explicar os fenômenos linguísticos, de modo que os educadores possam se servir dessas descrições e explicações para empreender uma prática pedagógica que leve em conta a pluralidade de realizações empíricas da língua. (BAGNO, 2008, p. 32).

Referente às práticas pedagógicas, trazendo-a para o campo dos estudos acerca da linguagem, se faz importante reconhecer a língua como elemento essencial para comunicação, visto que não se trata de um sistema fechado, sabe-se que a linguagem passa por constantes transformações no tempo e no espaço, desta forma, é recomendável que se respeite as diversidades linguísticas dos falantes, tendo em vista os mais diversos contextos sociais em que ele vive. Dito isto, de acordo com os Parâmetros Curriculares:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa... a questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCN, 1998, p. 31).

Deste modo, nos estudos voltados para a linguagem, é importante que os alunos conheçam as diferentes variações que ocorrem na língua. Os professores fazem parte desse processo na medida em que se faz necessário apresentar aos alunos essas variações as quais a língua portuguesa apresenta. No entanto, deve-se discutir com os alunos que cada tipo de variação requer um contexto diferente. Neste sentido, é importante destacar o que aborda Sá (2007), as variações apresentam-se em quatro fatores de variação a histórica, geográfica, social e estilística. Diante disto, não se deve ver nenhuma das quatro como erro, porém é importante que em sala de aula se trabalhe, sobretudo a estilística a qual levará os

alunos, a saber distinguir ou adequar a variação dependendo do contexto em que o aluno irá fazer uso da oralidade e da escrita.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, abordaremos acerca dos procedimentos metodológicos que norteiam esta pesquisa, assim, apresenta-se em oito seções as quais mostram de maneira explícita todos os passos referentes a este trabalho, sendo eles: natureza da pesquisa, tipos de pesquisa, método de abordagem, método de procedimentos, técnicas de pesquisa, universo e amostra, sujeito da pesquisa e, por fim, análise da pesquisa. Desta forma, cada seção apresenta os procedimentos pelos quais este trabalho foi desenvolvido.

2.1 NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa é dedicada à geração de conhecimento para solução de problemas, é dirigida à busca da verdade para determinada aplicação prática. De acordo com Ludke e André (1986, p. 2), “para realizar uma pesquisa é preciso promover um confronto entre os dados, evidências e as informações coletadas sobre um determinado assunto”.

A natureza desta pesquisa será de cunho qualitativo. Visto que se trata de uma abordagem de pesquisa que estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Os objetos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura. Para Guerra:

Aqueles que trabalham com os métodos quantitativos adotam uma orientação que aceita o comportamento humano como sendo resultado de forças, fatores, estruturas internas e externas, que atuam sobre as pessoas gerando determinados resultados. Nessa visão positivista, essas forças ou fatores podem ser estudados não somente pelo método experimental, mas também por levantamentos amostrais. (GUERRA, 2014, p.9).

Neste sentido, Gil (2008) afirma que o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

Diante do que foi exposto, buscaremos analisar as marcas de oralidade em produções textuais de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Parintins – AM.

2.2 TIPOS DE PESQUISA

De acordo com Gil (2008, p. 26), “pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Referente a isto, trabalharemos com três tipos de pesquisa os quais se farão importantes tanto na coleta de dados quanto nos resultados que almejamos investigar.

Primeiramente se fez uso da pesquisa bibliográfica, que é desenvolvida com base em material já elaborado, ou seja, com uma série de materiais já levantados antes mesmo de iniciar a escrita do trabalho. Para Andrade (2010):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas”. (ANDRADE, 2010, p. 25).

Neste sentido, observa-se a importância da pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada. Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada, colaborando na escolha do problema e de um método adequado, tudo isso é possível baseando-se nos trabalhos já publicados.

Outra pesquisa que usamos foi a pesquisa de campo que de acordo com Fonseca (2008, p. 70), “baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade. O pesquisador efetua a coleta de dados diretamente no local da ocorrência dos fenômenos”. Desta forma, a pesquisa de campo tem a finalidade de observar fatos e fenômenos da maneira como ocorrem na realidade por meio da coleta de dados. Posteriormente tais dados serão analisados e interpretados.

A pesquisa descritiva também se fará importantíssima para elaboração deste trabalho, uma vez que esta, segundo Gil (2008):

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados". (GIL, 2008, p. 28).

Assim, em síntese, o conceito de pesquisa descritiva pode ser definido como aquela que descreve uma realidade. Ainda segundo o autor, a característica deste tipo de pesquisa é a coleta de dados, desse modo para se coletar dados é necessário ir a campo.

Portanto, esses três tipos de pesquisas foram fundamentais para a realização deste trabalho, no qual, após ser concluída de maneira satisfatória a pesquisa bibliográfica, partimos para a pesquisa de campo, pois será neste momento que entramos em contato direto com os sujeitos de nossa pesquisa e também com o universo da pesquisa. Após, através da pesquisa de campo, quando os dados já foram coletados, iniciamos o processo de classificação, análise e interpretação desses dados.

2.3 MÉTODOS DE ABORDAGEM

O método é o caminho a ser trilhado pelo pesquisador, desde o início de sua caminhada, com a formulação de um problema, até a comprovação da hipótese (resposta ao problema), ao final da pesquisa. Pode ser entendido como um conjunto de etapas que serão vencidas de forma sistematizada na busca pelo objetivo. Desta forma, fazem-se importantes na elaboração de uma pesquisa através de métodos, uma vez que Gil (2008, p. 8) diz que: "Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim". Assim, este trabalho partirá do método hipotético – dedutivo, o qual, em resumo, é um tipo de abordagem que submete as principais hipóteses para determinada teoria a um teste prático de falseabilidade, ou seja, uma teoria é submetida a experiências práticas e pesquisas que possam comprovar sua veracidade ou não. Segundo Gil (2008):

[...] quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Para tentar explicar as dificuldades expressas no problema, são formuladas as conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se

consequências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo se procura a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la. (GIL, 2008, p. 12).

No estágio supervisionado, através de uma conversa informal com a professora de Língua Portuguesa, foi dito por ela que os alunos em suas produções textuais utilizavam expressões que não condiziam com a norma culta estabelecida pela gramática normativa, visto que neles, colocavam termos que cabem especificamente na oralidade. Com o passar dos dias, percebeu-se ao analisar alguns textos produzidos pelos estudantes, que a professora estava correta, visto que foram encontradas diversas marcas de oralidade. Daí, houve a curiosidade de pesquisar e conseqüentemente saber mais a respeito deste problema.

Portanto, a pesquisa partiu de certas hipóteses, ocasionadas através de indagações sobre o problema, uma vez que elas nos nortearam para a confirmação ou não de marcas de oralidade nas produções textuais dos alunos, para a qual, se fez necessário efetuarmos alguns diagnósticos com a turma e assim confirmar ou não essas hipóteses. Assim, para obtermos as respostas, os alunos tiveram que produzir dois textos e a partir desses textos foram feitas as análises dessas hipóteses como verdadeiras ou falsas.

2.4 MÉTODOS DE PROCEDIMENTOS

Distinguir-se por possuir um caráter específico, ou seja, apresenta-se menos da perspectiva do plano geral do trabalho e mais do ponto de vista de suas etapas, ressaltando suas particularidades. Assim, os métodos de procedimentos são as etapas que o pesquisador traçará em sua pesquisa, estão relacionados com os procedimentos técnicos a serem seguidos dentro de determinada área de conhecimento, desta forma, os métodos escolhidos estabelecem os procedimentos que foram utilizados. “Esses métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos, para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais” (GIL, 2008, p.15).

Referente a isso, os métodos aplicados nesta pesquisa foram: o bibliográfico, observacional e o comparativo. O método bibliográfico foi de grande importância, pois, através deste método pode-se confrontar os dados coletados “in loco” (no local

de pesquisa), e os conceitos dos autores que embasaram este trabalho, tendo em vista que assim pode-se verificar se realmente tais conceitos condiziam com os dados obtidos durante a realização desta pesquisa ou se esses conceitos não se harmonizavam com os dados obtidos.

Foi utilizado também o método observacional, uma vez que através deste método, tivemos a oportunidade de analisar de perto os sujeitos desta pesquisa e procurar levantar dados referentes à problemática aqui proposta. A partir deste método, tivemos a oportunidade de analisar também a linguagem oral dos alunos, uma vez que a linguagem oral acaba agindo de maneira direta sobre a linguagem escrita, resultando em marcas de oralidades nas produções de tais estudantes.

Outro método adotado neste trabalho foi o comparativo, o qual refere-se a uma técnica investigativa para podermos analisar melhor determinado instituto ou fenômeno. Visto que, ao estabelecermos a comparação entre os objetos, nós compreendemos melhor o funcionamento e os contornos do que está sendo investigado. Este método foi importante para a pesquisa, pois trabalhamos com duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental e a partir dos dados coletados em ambas as turmas, através dos textos produzidos pelos alunos (foram os objetos de estudo e comparação) foi feita uma análise para se conhecer as diferenças e familiaridades em relação ao problema desta pesquisa.

2.5 TÉCNICAS DE PESQUISA

Segundo Mendes (2016), pode-se dizer que pesquisa é a busca de verdades e conhecimentos, novos ou não, feitos através de um método adequado e de técnicas apropriadas. É um procedimento investigativo e metodológico em que se propõe a busca de conhecimentos específicos, respostas ou soluções, visto que:

Toda pesquisa deve nascer de um problema, para o qual se busca encontrar uma solução, uma resposta ou um entendimento melhor sobre determinado objeto. Para isso, é preciso aplicar procedimentos metodológicos com a intenção de ampliar conhecimentos, investigar causas, modificar saberes, questionar a natureza das coisas ou dos fenômenos, causas e efeitos, etc.". (MENDES, 2016, p. 61).

Nesta pesquisa, uma das técnicas utilizada como forma de obter resultados foram dois testes diagnósticos. A partir destes testes pode ser evidenciado se as marcas de oralidade se fazem presentes nas produções escritas dos alunos. Para

isto, foram trabalhados com textos escritos pelos alunos e posteriormente esses mesmos textos foram analisados para assim termos uma resposta acerca das nossas hipóteses, se elas se confirmam ou não.

A partir da análise do primeiro teste diagnóstico, foi produzida uma oficina que abordou o tema “Linguagem oral, linguagem escrita e as marcas de oralidade em produções textuais”. Referente a isto, na realização da oficina foram trabalhadas as linguagens oral, linguagem escrita e marcas de oralidade, evidenciando suas especificidades no decorrer da efetivação desta oficina. Logo após ter sido trabalhado a oficina, foi novamente feito outro teste diagnóstico para fazer uma análise comparativa das produções realizadas, com o intuito de sabermos se o problema foi amenizado ou não.

Outro importante instrumento para a coleta de dados, foi a realização da entrevista, visto que tínhamos como objetivo colher informações das professoras acerca da problemática. Através desta técnica pode-se levantar dados significativos para a concretização deste trabalho. Assim, para a realização das entrevistas foi utilizado um telefone celular, no qual, possuía um aplicativo de gravador de voz, com a finalidade de registrar todas as respostas das professoras entrevistadas.

2.6 UNIVERSO E AMOSTRA

Esta pesquisa teve como campo de investigação uma escola de rede estadual de ensino em Parintins - AM, localizada no bairro São José Operário. Referente a isto, a escola dispõe do ensino médio e fundamental sendo que no turno da manhã somente o fundamental é lecionado e no turno da tarde somente o médio. Tratando-se do período noturno, a escola oferece o ensino médio, através do EJA (Educação de Jovens e Adultos).

De forma geral, a amostragem é um procedimento para escolher apenas alguns membros de uma população inteira, de forma que seja possível fazer análises e chegar a conclusões sobre a população de maneira geral. Dito isto, optamos por trabalhar com apenas duas turmas, uma vez que fundamentada no processo de investigação essa pesquisa não precisará envolver o todo, porém apenas uma parte deste. Desta forma, Oliveira enfatiza a importância da amostragem quando diz que:

O problema de amostragem é, portanto, escolher uma parte (ou amostra), de tal forma que seja a mais representativa possível, fazer um levantamento do todo e, a partir dos resultados obtidos relativos a essa parte, pode inferir o mais legitimamente possível, os resultados da população total, se esta fosse verificada. (OLIVEIRA, 2001, p.18).

Deste modo, a amostragem é realizada através da escolha de uma parcela, e que esta busque representar o todo da melhor maneira possível, com base nesta parcela e a partir dos resultados adquiridos por ela pode-se compreender uma representação integral do todo.

2.7 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa podem ser definidos como as pessoas que fornecerão os dados que o pesquisador necessita. Assim, essa pesquisa terá como sujeitos os alunos de duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Parintins – AM, além de duas professoras que trabalham diretamente com esses estudantes.

2.8 ANÁLISE DA PESQUISA

A pesquisa é entendida como a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade, vincula pensamento e ação. Tratando-se disto, Minayo (2001, p. 05) considera que “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”. Assim, segundo Teixeira (2003), a pesquisa se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas.

Deste modo, depois de estarmos com todos os dados coletados, fizemos a interpretação destes e posteriormente a descrição. Faz-se importante dizer que a análise consistirá através da descritiva, uma vez que se tratando de pesquisa qualitativa, é importante se trabalhar com a interpretação e descrição dos dados, pois este possibilita um maior envolvimento do pesquisador com dados obtidos. Portanto, após todo processo de pesquisa e dos dados coletados, estes passarão por um processo de organização, depois, serão descritos e por fim serão analisados para se obter ou não as respostas acerca do problema apresentado.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DISCURSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, abordaremos a respeito dos resultados obtidos no decorrer desta pesquisa, na qual, temos como objetivo investigar e analisar as marcas de oralidade em produções escritas de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Parintins – AM.

Assim, de início buscamos analisar o primeiro teste diagnóstico o qual foi aplicado aos alunos para que pudéssemos obter informações em torno da problemática em questão. Deste modo, o primeiro teste diagnóstico efetuou-se através de uma produção textual, do gênero “crônica”, produzida pelos alunos em sala de aula, este gênero foi escolhido pois estava sendo trabalhado pelas professoras em sala de aula.

Em seguida, mostraremos uma entrevista realizada com duas professoras de Língua Portuguesa (professora “1”; professora “2”) das turmas pesquisadas, as quais nos ofereceram informações relevantes a respeito de marcas da oralidade, linguagem oral e linguagem escrita. Será abordada as análises e descrições realizadas a partir da entrevista. Depois, versaremos sobre a aplicação da oficina realizada com os alunos, evidenciando seu desenvolvimento e intuito.

Por fim, analisaremos o segundo teste diagnóstico, o qual teve como objetivo averiguar se o problema (marcas de oralidade) havia sido amenizado após a efetivação da oficina.

3.1 ANÁLISE DO PRIMEIRO TESTE DISGNÓSTICO

O primeiro teste de diagnóstico foi aplicado aos alunos a partir do gênero “crônica”, visto que era este gênero textual que estava sendo trabalhado em sala de aula. Os alunos serão identificados por numeração, de maneira coerente e eficiente, por questões éticas e também para que assim possa haver um melhor entendimento desta pesquisa.

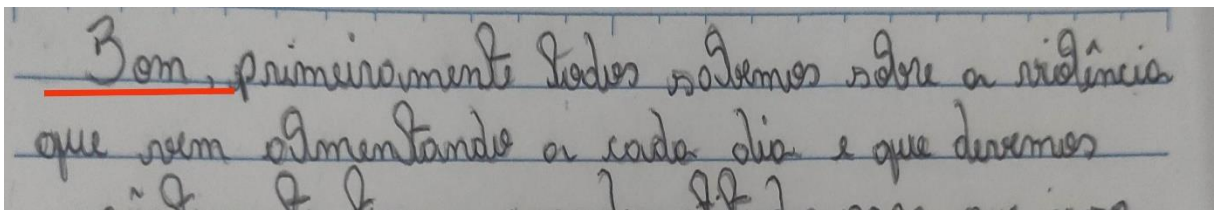
Foi entregue pelo pesquisador um texto cujo gênero caracteriza-se como artigo de opinião, o qual aborda assuntos referentes à educação e à violência. Em seguida, através da interpretação e da compreensão dos alunos de acordo com a leitura do que lhes foi passado, deveriam produzir um texto escrito a partir do gênero

crônica sobre: a educação dos jovens. Com o objetivo de identificar as marcas de oralidade nas produções textuais desses alunos.

Referente a isto, podemos perceber que os alunos manifestam em suas produções textuais, palavras que não cabem na linguagem escrita (norma padrão da Língua Portuguesa). Diante disto, Bortoluzzi e Cristofolini (2013) afirmam que tais desvios apresentam-se frequentemente na escrita dos alunos, principalmente aqueles que estão aprendendo a escrever. No entanto, tendem a diminuir conforme os anos de aprendizagem dos alunos (ensino e prática da escrita). Ainda segundo os autores, a presença da oralidade na escrita acontece em sua maioria quando os alunos estão na fase inicial da escrita. Contudo, salienta-se que as turmas pesquisadas constituem-se de alunos que estão no 9º ano do Ensino Fundamental e, que, portanto, estão deixando o nível fundamental e entrando no Ensino Médio.

Como podemos perceber, ao analisar um fragmento do texto do aluno “1” (subsequentemente os outros alunos também serão identificados com seus respectivos números), percebe-se que as marcas de oralidade se fazem presentes em sua produção. Segundo Bessa (2012), as “pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos, etc. Por conta disso é que a oralidade é vista como desestruturada, de uso simples e informal” (BESSA et al, 2012, p. 203). Assim, observa-se o fragmento da produção textual do aluno “1”:

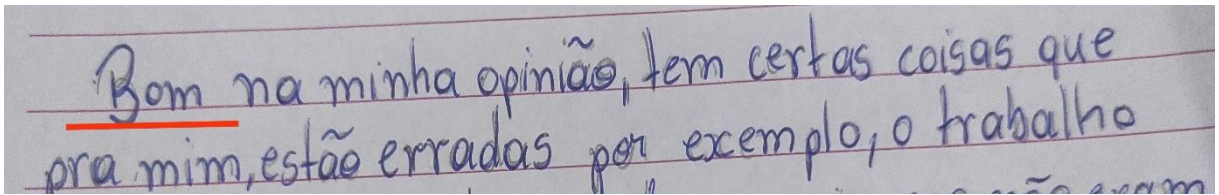
Figura 01: Fragmento de uma crônica produzida pela aluna “1” do 9º ano “1”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

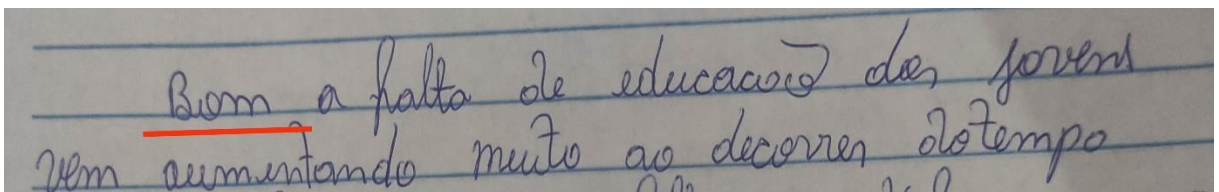
Percebe-se que a aluna “1” em seu texto faz hesitações, assim como afirma Bessa (2012), nota-se isso quando ela escreve as palavras: “bom” e “pois bem”. Assim, este texto apresenta características da linguagem oral, pois contém nele marcas de oralidade. De acordo com Marcuschi (2010), as hesitações fazem parte absoluta da linguagem oral, não podendo ser reproduzidas na linguagem escrita. Podemos encontrar estes mesmo aspectos nas produções dos alunos “2” e “3”:

Figura 02: Fragmento de uma crônica produzida pelo aluno “2” do 9º ano “1”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

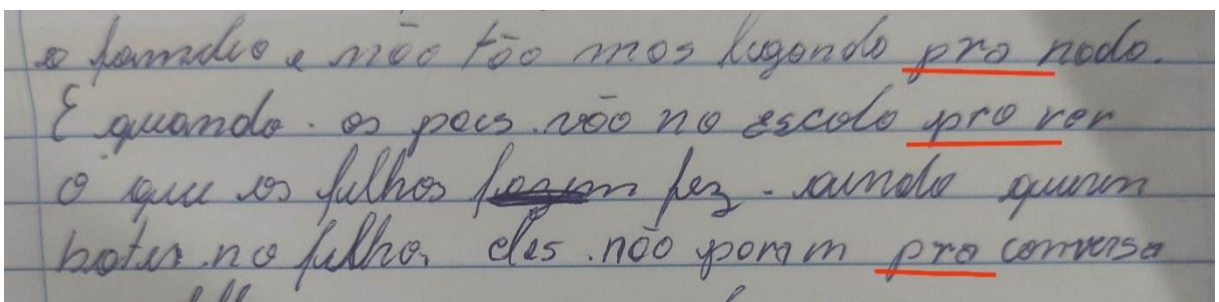
Figura 03: Fragmento de uma crônica produzida pela aluna “3” do 9º ano “2”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

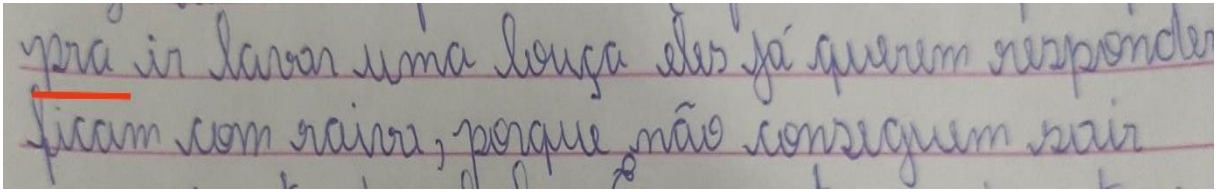
Outro termo é a palavra “pra”, bastante utilizada pelos alunos, a qual, trata-se de uma forma reduzida da preposição “para” (forma mais adequada de escrevê-lo, sendo o ideal para a escrita em linguagem formal). Diante disto, nota-se ao analisar fragmentos dos textos dos alunos “4”; “5” e “6” a utilização da expressão “pra” em vez de “para”:

Figura 04: Fragmento de uma crônica produzida pelo aluno “4” do 9º ano “1”



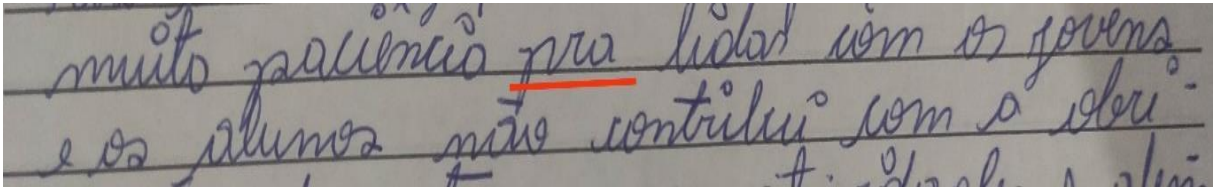
Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Figura 05: Fragmento de uma crônica produzida pela aluna “5” do 9º ano “2”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Figura 06: Fragmento de uma crônica produzida pela aluna “6” do 9º ano “2”

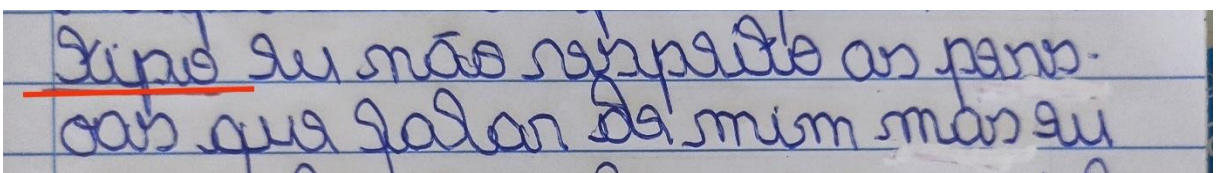


Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Neste sentido, percebe-se que, apesar dos alunos pertencerem a turmas diferentes, no caso o aluno “4” ao 9º ano “1” e as alunas “5” e “6” ao 9º ano “2”, pode-se compreender que o problema não se encontra apenas em uma turma, mas sim nas duas turmas pesquisadas.

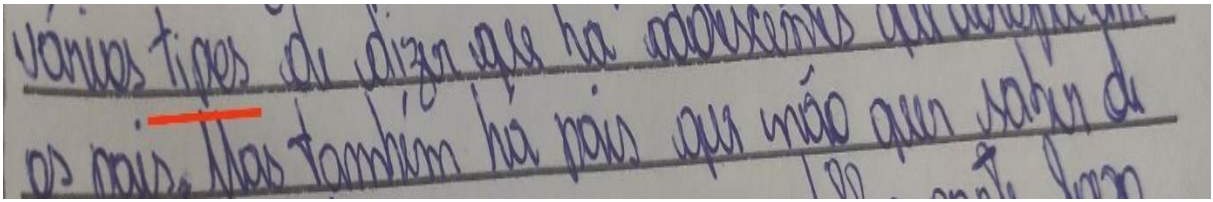
Outro exemplo de marcas de oralidade é o uso de gírias, visto que se trata de uma palavra ou expressão de caráter informal, geralmente usada em diálogos rotineiros, e não se aplica à norma culta da língua portuguesa. Segundo J. B. Serra e Gurgel (2005, p.28), "a gíria é manifestação da língua viva. É expressão dinâmica da maneira de um grupo social e mesmo de uma sociedade se expressar". Referente a isto, ao analisar um fragmento dos textos das alunas “7” do 9º ano “1” e “8” do 9º ano “2”, podemos nos deparar com o termo “tipo”, expressão utilizada para exemplificar algo e tentar conseguir tempo para raciocinar, montar um pensamento ou mesmo concluir o pensamento na linguagem oral. Desta forma, observamos o trecho a seguir:

Figura 07: Fragmento de uma crônica produzida pela aluna “7” do 9º ano “1”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Figura 08: Fragmento de uma crônica produzida pela aluna “8” do 9º ano “2”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Na linguagem escrita, as alunas poderiam substituir o termo “tipo”, por, “por exemplo”, “tal como”, entre outros, pois a modalidade da língua escrita não abre margem para marcas de oralidade como esta. No entanto, neste caso, é essencial retomar os conceitos sociolinguísticos, os quais determinam que dentro dos fatores a gíria é apresentada como uma variação de fator faixa etária, ou seja, a gíria apresentada pelas alunas “7” e “8” em seus textos, corresponde a uma linguagem que nos dias atuais é inerente à linguagem dos jovens. De acordo com Patriota (2009, p.31), as gírias são “fenômenos chamados de linguagens especiais: formas e expressões linguísticas que, motivadas por fatores como idade, sexo, profissão, condição social, escolaridade, surgem como variações próprias de grupos que compartilham uma forma particular de comunicação”. Porém, estas alunas precisam fazer distinção de linguagem oral e linguagem escrita e ter ciência que dentro dos conceitos da norma padrão, as gírias não são aceitas para integrar a modalidade da Língua Portuguesa.

A seguir, mostra-se uma tabela na qual exibe-se o total de casos que apresentam marcas de oralidade nas produções dos alunos:

Tabela 1: Total de casos em que se constatou marcas de oralidade na escrita dos alunos a partir da produção textual.

Aluno “1”	Aluno “2”	Aluno “3”	Aluno “4”	Aluno “5”	Aluno “6”	Aluno “7”	Aluno “8”
5	7	4	9	6	7	8	10

Fonte: NASCIMENTO, 2022.

A tabela acima nos mostra que nas oito produções textuais analisadas, encontramos marcas de oralidade. Neste sentido, é necessário salientarmos que foram analisadas oito produções textuais dos alunos pertencentes ao 9º ano do

Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do município de Parintins – AM: quatro alunos do 9º ano “1” e quatro alunos do 9º ano “2”. A partir disto, torna-se notório que por mais que se trate de turmas diferentes, ambas apresentam marcas de oralidade em suas produções textuais. Deste modo, destacamos os casos que mais chamaram atenção e que de acordo com nossos conceitos foram relevantes para serem evidenciados nesta pesquisa. Se faz relevante afirmarmos que todas as produções foram lidas e na maioria apresentavam-se marcas de oralidade, no entanto, optou-se por analisar somente oito produções escritas pelos alunos, as quais servem como amostragem pelo todo.

3.2 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Apresentaremos neste tópico, descrição, interpretação e análise das entrevistas que foram realizadas com as professoras de Língua Portuguesa, as quais trabalham diretamente com os alunos sujeitos desta pesquisa. Em relação a isto, as respostas serão divididas em tabelas, contendo em cada tabela duas respostas, uma de cada professora entrevistada pelo pesquisador.

A entrevista, segundo Ludke e André (1994, p. 34), “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a torna sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas”. Deste modo, a entrevista tem como principal intuito, colher informações relevantes para o processo de concretização desta pesquisa. Assim, a princípio elaborou-se um roteiro contendo sete perguntas de forma padronizadas a serem feitas às professoras, no qual, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 106), a “padronização pode-se comparar grupos de respostas”. Depois, partiu-se até a escola (campo de investigação da pesquisa), com o objetivo de realizá-las.

Houve a necessidade de combinar com as professoras um horário para que cada uma pudesse ser entrevistada. Desta forma, as duas entrevistas aconteceram em dias diferentes, e nas respectivas datas estabelecidas foram realizadas.

A seguir, apresenta-se a primeira tabela referente às duas primeiras respostas dadas pelas professoras, na qual, indagamos conceitos relacionados à linguagem oral e linguagem escrita.

Tabela 2: Você poderia conceituar linguagem oral e linguagem escrita?

Professora 1:	“A linguagem oral é aquela que é usada no dia a dia e a linguagem escrita é aquela que deve ser seguida a partir da norma padrão. A linguagem oral não necessariamente precisa seguir a norma culta, já a linguagem escrita sim”.
Professora 2:	“Bom, quando se fala em linguagem oral e escrita, nós sabemos que são relações dialógicas em que o que define é no caso o interlocutor, na linguagem oral o interlocutor se faz presente é um diálogo face a face, na linguagem escrita essa comunicação com interlocutor é marcada por um distanciamento, pois o locutor não estar presente. Mas em ambas, tanto na linguagem oral quanto na linguagem escrita o produtor da mensagem, o falante, ele consegue fazer as adequações para se aproximar deste interlocutor. Ou seja, tanto na linguagem oral quanto na linguagem escrita é possível fazer esta adequações para que a comunicação se efetive”.

Percebe-se que de acordo com a resposta da primeira professora, esta tem uma percepção de que a linguagem oral é utilizada no nosso dia a dia. Além disso, não necessariamente precisa seguir a norma culta. No entanto, a linguagem escrita necessita seguir regras gramaticais para ser efetivada de maneira coerente. Diante disso, Fávero (2005) afirma que “a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto” (FÁVERO et al, 2005, p. 09).

Em sua resposta, a professora 2 assegura que a linguagem oral e a linguagem escrita são relações dialógicas, ou seja, é a relação que nossos enunciados estabelecem com outros enunciados. Além disso, para ela, na escrita a relação com o interlocutor é marcada por um distanciamento, coisa que não ocorre na linguagem oral, haja vista que quando nos comunicamos por meio da oralidade, utilizamos o diálogo face a face, diferente da linguagem escrita. No entanto, é possível fazer adequações para que a comunicação se efetive.

Com base na resposta das professoras, nota-se que ambas possuem percepções abrangente em relação à linguagem oral e escrita. Além disso, afirmam que as duas modalidades da língua são consideravelmente importantes para a sociedade, pois a partir delas a comunicação pode ser efetivada. Diante disso, Marcuschi (2010), acredita que o principal meio de comunicação se dá por meio da

linguagem, seja ela oral ou escrita e não abre espaços para superioridade uma sobre a outra.

A seguir, apresenta-se mais duas respostas das professoras em relação às marcas de oralidade em produções textuais dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Tabela 3: É comum encontrar marcas de oralidade nas produções textuais dos alunos?

Professora 1:	“Com certeza! Quando a gente começa avaliar e fazer análises dos textos produzidos pelos alunos, a gente percebe muito o uso da oralidade”.
Professora 2:	“Desde quando eu comecei a dar aula como professora de língua portuguesa eu observo que os alunos transpõem para seus textos as marcas de oralidade, é comum, é muito comum a presença dessas marcas”.

A partir da tabela 3, podemos constatar que as respostas das professoras se deram de maneira unânime, ou seja, os alunos ao produzir seus textos, acabam utilizando termos que não cabem na linguagem escrita (segundo a norma padrão). Deste modo, as professoras através de suas respostas mostram uma concordância com os textos analisados, visto que as marcas de oralidade foram frequentes nessas produções escritas. Assim, o nível de marcas de oralidades nas produções textuais dos alunos se mostrou elevado, afirma-se isso não somente pelas respostas das professoras, mas também pelos textos analisados no tópico anterior, bem como o demonstrativo na tabela 1 desta pesquisa, na qual, quase em todos os textos referentes ao primeiro teste diagnóstico, foram encontradas marcas de oralidade, e os oito textos escolhidos para análise apresentaram tais marcas em sua estrutura. Perante o exposto, Perini (2004), afirma que os falantes de uma língua têm mais facilidade em produzir a linguagem oral em comparação com a linguagem escrita, por conta disto, muitas vezes acabam utilizando termos ligados a oralidade em produções textuais, visto que, “são regras da nossa língua nativa – as outras são de uma língua que aprendemos na escola” (PERINI, 2004, p. 60).

No que se refere à entrevista com as professoras, mais uma vez foram indagados assuntos voltados à linguagem oral e linguagem escrita, quando cada professora fez contribuições relevantes sobre este assunto, como podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 4: Você acha mais importante ser trabalhado em sala de aula a linguagem oral ou a linguagem escrita? Por quê?

Professora 1:	<p>“Eu penso que dá para trabalhar as duas, sabendo separar com eles. A gente tem que dizer para os alunos que a linguagem deles tem valor, por exemplo, nós como parintinenses não devemos ter vergonha da forma que a gente fala, nossos trejeitos, nosso dialeto tem que ser valorizado. Então, não existe a possibilidade de dizer para o aluno: olha menino, tú falas errado. Então, quando se trata de linguagem oral, ele deve sim usar a linguagem, aquela que ele sempre utilizou na vida, desde quando ele nasceu. Porém, ele precisa aprender que quando se trata da linguagem escrita, ele precisa ter cuidado para não deixar que as marcas de oralidade tomem conta do texto. Para isso, ele precisa conhecer a norma culta, ele tem que entender de gramática, ele tem que entender assuntos relacionados a ortografia. Então, não basta apenas ler e escrever, a gramática também é muito importante. Eu acredito que os dois são importantes e podem sim caminhar juntos”.</p>
Professora 2:	<p>“Bom, não tem como dizer qual é a melhor para ser trabalhada, visto que o professor querendo ou não sempre vai tocar nos dois pontos, não tem como. Esse é o objetivo do ensino da Língua Portuguesa, fazer com que os alunos saibam se comunicar, tanto na linguagem oral, quanto na linguagem escrita. Todo e qualquer conteúdo que vai ser trabalhado no ensino da língua portuguesa vai ser para esse objetivo, vai ser para que o aluno consiga conhecer esses recursos que a língua nos oferece, entender as diversas manifestações da nossa língua, as diversas situações comunicativas e que a partir disto eles se tornem capaz de desenvolver isto de forma oral e de forma escrita”.</p>

Com base no exposto, verifica-se que as duas professoras afirmam que a linguagem oral é tão importante quanto a linguagem escrita, visto que, segundo elas, as duas devem ser trabalhadas em sala de aula de maneira igual. Porém, percebe-se através de observação “in loco” (no próprio local), que em pouquíssimos casos a linguagem oral era trabalhada com os alunos, e quando trabalhada, se dava através de apresentações de pesquisas. Deste modo, percebe-se que a escrita ainda possui supremacia em relação à oralidade. Referente a isto, Antunes (2003), afirma que o predomínio da linguagem oral sobre a linguagem textual escrita, trata-se de uma ótica equivocada, visto que muitos ainda pensam que a oralidade é um lugar propício para a violação das regras gramaticais. Essa visão ingênua de superioridade da escrita sobre a oralidade corresponde aos ensinamentos tradicionalistas,

que detinham a gramática como única ferramenta de ensino. Diante disso, de acordo com Antunes:

Com o devido cuidado para que não se crie ideia falseada de que a fala se opõe à escrita, será interessante que o professor saiba ressaltar os pontos formais e funcionais em que os textos orais e os textos escritos são diferentes. Como se sabe, as modalidades orais e escritas da língua guardam similaridades e apresentam diferenças. O confronto entre uma e outra – desde que se considerem os mesmos níveis de registro (fala formal e escrita formal, por exemplo) - pode ser bastante produtivo para compreensão daquelas similaridades e diferenças e para entendimento das mútuas influências de uma sobre a outra. (ANTUNES, 2010, p. 101).

Assim, com base no pensamento da autora, podemos concluir que a oralidade é vista pelas instituições de ensino como um mero instrumento pelo qual se pode repassar os conteúdos em sala de aula.

Portanto, neste tópico foi evidenciado o conhecimento por parte das professoras entrevistadas, em relação aos estudos da linguagem oral, linguagem escrita e marcas de oralidade. Ademais, identificamos que além dos textos dos alunos conterem em suas estruturas marcas de oralidade, foram enfatizados tais problemas pelas professoras durante a realização da entrevista. Assim, pode-se compreender que as marcas de oralidade se fazem presentes de maneira constante em produções escritas de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

3.3 OFICINA: ANÁLISE E REFLEXÃO

Elaboramos uma oficina contendo atividades relacionadas à linguagem oral, linguagem escrita e marcas de oralidade, com o intuito de oferecer aos alunos conteúdos importantes que os ajudassem a eliminar as marcas da oralidade de suas produções textuais. Além disso, evidenciamos as características de cada uma das modalidades da linguagem e, desta forma, colaboramos com estes alunos no sentido de amenizar a problemática investigada. Deste modo, a partir dos dados adquiridos e analisados anteriormente, pode-se identificar a carência e conseqüentemente a necessidade que tivemos em elaborar esta oficina, na qual, seu principal objetivo foi ajudar os alunos a entender melhor acerca da linguagem oral, linguagem escrita e marcas de oralidade. Diante disso, segundo Lespada (1988, p. 21 APUD FORNAZARI; OBARA, 2017, p. 169), oficinas caracterizam se

por ser “uma forma, um caminho, um guia flexível, enriquecedora para a pessoa e para o grupo, fundamentada no aprender fazendo com prazer e na ativação do pensamento por própria convicção, necessidade e elaboração”.

A oficina intitulada “Linguagem oral, linguagem escrita e as marcas de oralidade em produções textuais” foi desenvolvida em duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental. O tempo de duração foi de 80 minutos em ambas. As turmas pesquisadas faziam parte do turno matutino. Referente a isto, esta oficina foi dividida em duas atividades.

No primeiro momento foi desenvolvida a atividade “Características da linguagem oral e escrita”, a qual teve duração de vinte minutos. Perante o exposto, tal atividade tinha como intuito mostrar aos alunos as particularidades da linguagem oral e da linguagem escrita da Língua Portuguesa. Assim, foram evidenciados através de slides as especificidades de cada uma dessas modalidades. Percebeu-se grande interesse dos alunos referente à linguagem oral e linguagem escrita, visto que prestaram muita atenção durante a realização da atividade. Além disso, houve bastante perguntas por parte deles sobre o assunto abordado. Portanto, esta atividade foi bem aceita pelos alunos de ambas as turmas, pois mostraram interesse em participar através de perguntas e também a partir de questionamentos levantados pelo pesquisador.

A segunda atividade da oficina intitulou-se “Eliminando as marcas da oralidade das produções textuais”, e teve duração de 20 minutos, esta atividade tinha como principal intuito ajudar os alunos a identificar e classificar as marcas de oralidades presentes em textos. Foi mostrado aos alunos através de slide alguns textos produzidos por eles no primeiro teste diagnóstico (o nome do aluno não foi revelado), utilizando-os como exemplos para evidenciar algumas marcas de oralidades presentes em tais produções escritas. Esta atividade foi bastante produtiva, pois os alunos se empenharam muito para procurar e evidenciar algumas marcas de oralidade em suas produções. Serviu também como uma forma de reflexão por parte dos alunos, pois a partir da análise de alguns de seus textos, puderam perceber que devem evitar as marcas de oralidade, visto que a escrita é formal e requer cuidado e atenção em sua produção.

O segundo momento e última parte da oficina, teve duração de quarenta minutos. Na qual, tivemos como intuito fazer com que os alunos eliminassem de suas produções escritas, as marcas de oralidade. Deste modo, fizeram uma

retextualização de alguns textos, buscando trocar as marcas de oralidades presentes, pela norma padrão da Língua Portuguesa, que sob a ótica da gramática normativa é a que rege a escrita. A partir desta atividade, os alunos perceberam alguns preceitos da escrita e da oralidade, no qual puderam aprendê-los e diferenciá-los.

Portanto, com base no que foi exposto, obtivemos respostas positivas a partir da avaliação desta oficina por parte dos alunos. Pois houve uma grande aceitação e participação nas atividades que foram propostas. Diante disto, se tornou de extrema importância para eles os estudos de tais assuntos, visto que em suas futuras produções textuais, estes saberão empregar de maneira coerente palavras que antes eram colocadas erroneamente em suas escritas.

3.4 ANÁLISE DO SEGUNDO TESTE DIAGNÓSTICO

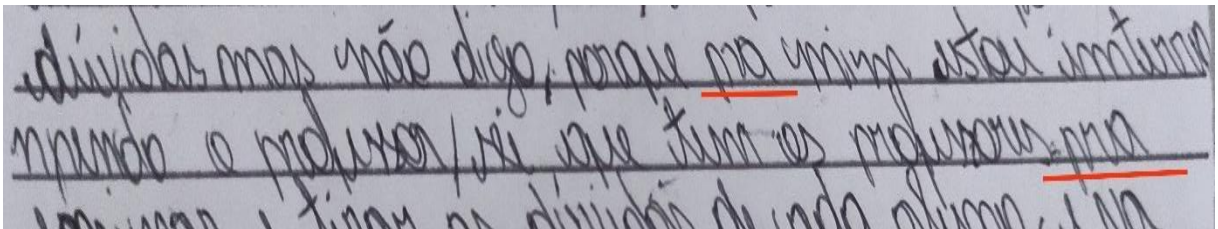
Neste tópico discorre-se acerca das análises dos dados obtidos a partir do segundo teste diagnóstico, o qual foi realizado após o desenvolvimento da oficina. Diante disto, objetivou-se em analisar novamente as produções escritas dos alunos, a fim de verificar as possíveis contribuições da oficina que teve como objetivo amenizar as marcas de oralidade nas escritas dos alunos.

Da mesma forma que o primeiro teste diagnóstico, esse segundo teste foi efetuado com base novamente no gênero “crônica”, uma vez que se trata do mesmo gênero textual em que se trabalhou no primeiro teste. Deste modo, o segundo teste diagnóstico foi aplicado novamente nas duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, as mesmas turmas participantes desta pesquisa.

Mais uma vez os alunos foram identificados por numeração, desta forma, cada aluno recebeu uma numeração, respectivamente, no qual daremos continuidade do número “9”, haja vista que no teste anterior o último aluno foi identificado como aluno “8”. As análises aqui propostas trata-se de oito textos os quais se valerem por todo, visto que nossa pesquisa pauta-se no uso de amostragem, o qual tem como princípio observar um subconjunto adequadamente selecionado pelo pesquisador. Ressalta-se que todos os textos foram lidos e analisados, no entanto, apenas oito foram selecionados, e estes valerão para fazer a amostragem do todo, ou seja, das duas turmas pesquisadas.

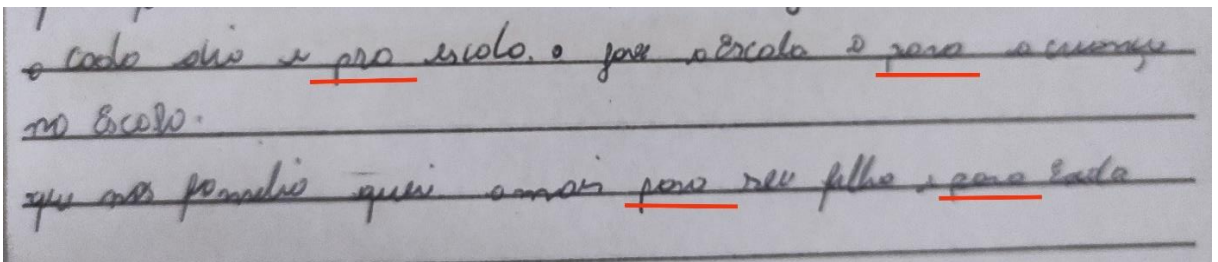
Salienta-se que, mesmo com as explicações durante a oficina e com todas as atividades efetuadas durante sua realização, ainda encontram-se marcas de oralidade na escrita dos alunos, porém, deram-se de maneira menos frequente em comparação com o primeiro teste diagnóstico. Assim sendo, na produção textual dos alunos “9”; “10” e “11” houve a supressão de grafemas, neste caso da palavra “pra”, a qual tinha como objetivo referir-se à expressão “para”, esse exemplo é bastante recorrente na escrita dos alunos, tendo em vista que é comum na linguagem oral pronunciar-se “pra” em vez de “para” e desta maneira acaba-se levando tal expressão também para a escrita. Deste modo, mesmo após as explanações e explicações do pesquisador, ainda cometeram alguns casos vistos como interferência da linguagem oral sobre a linguagem escrita.

Figura 9: Fragmento de uma crônica produzida pela aluna “9” do 9º ano “1”



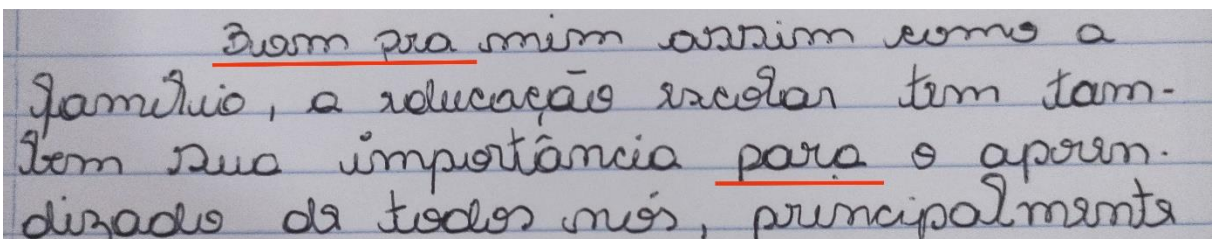
Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Figura 10: Fragmento de uma crônica produzida pelo aluno “10” do 9º ano “2”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Figura 11: Fragmento de uma crônica produzida pela aluna “11” do 9º ano “1”

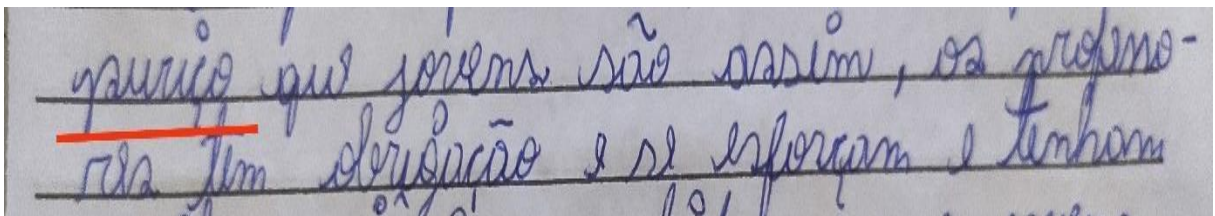


Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Em relação aos alunos “10” e “11”, nota-se que em alguns momentos de suas produções escritas, usam corretamente (do ponto de vista padrão da língua) a preposição “para”, em outros, contrai, visto que: “para” se torna a expressão “pra”. Talvez nestes casos, os alunos não deram a devida atenção no momento em que foram elaborar suas produções textuais, tendo em vista que mostram conhecer a forma “adequada” da escrita. Além disso, o aluno “11” também usa o termo: “bom”. Deste modo, tais produções apresentam características da linguagem oral, pois contém em sua estrutura palavras que não se encaixam de maneira coerente em produções escritas, contendo assim, marcas de oralidade.

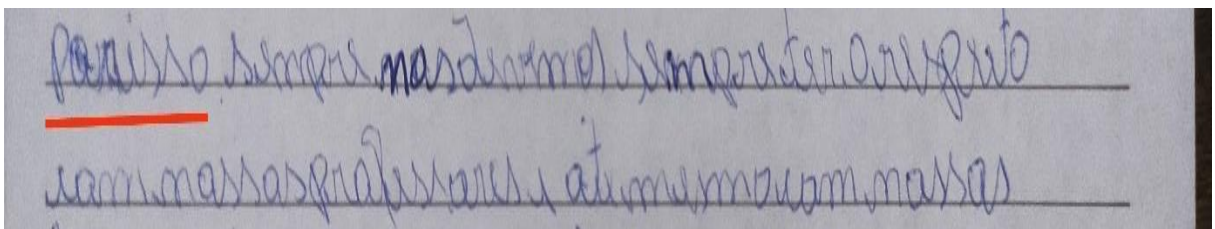
Outro exemplo de marcas de oralidade encontradas nas produções textuais são expressões utilizadas pelos alunos “12” e “13”, nas quais, foram usados os termos “puricho” e “porisso” ao invés de “por isso”. Assim, os alunos fazem uma junção de ambas as palavras, grafando-as da mesma forma que falam. De acordo com Bartoluzzi e Cristofolini (2013), isso ocorre através de um processo fonológico, no qual as palavras são pronunciadas conjuntamente, e a partir disto, os alunos acabam colocando-as em seus textos.

Figura 12: Fragmento de uma crônica produzida pelo aluno “12” do 9º ano “2”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

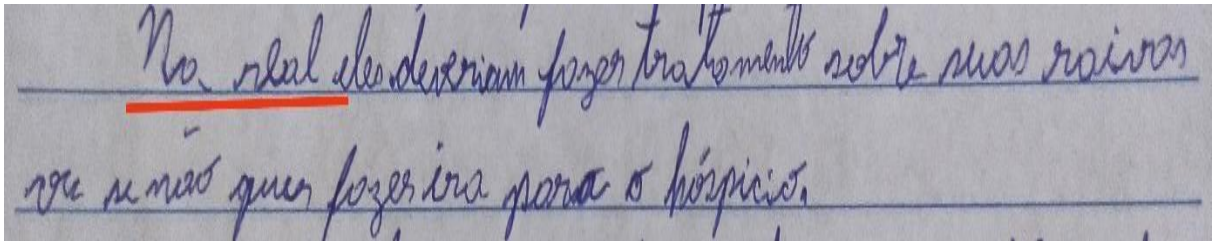
Figura 13: Fragmento de uma crônica produzida pelo aluno “13” do 9º ano “1”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Encontram-se ainda gírias na produção textual do aluno “14”. Referente a isto, as gírias foram mencionadas e conceituadas no primeiro teste diagnóstico e também aos alunos durante a realização da oficina produzida nesta pesquisa. Porém, podemos identificar alguns destes termos referentes às marcas de oralidade na escrita deste aluno. Segundo Sá (2007), a gíria é um tipo de variação de fator social e que dentro deste fator encontra-se a questão da faixa etária.

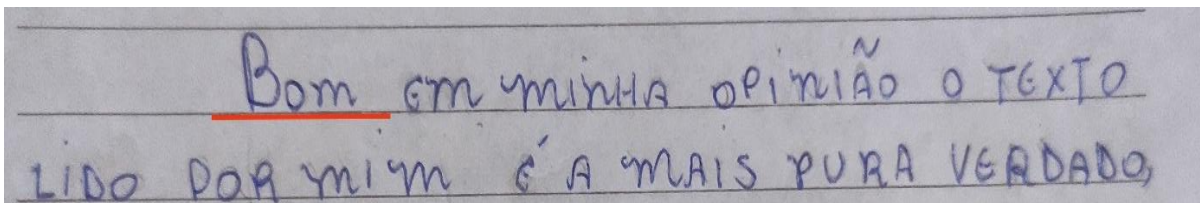
Figura 14: Fragmento de uma crônica produzida pelo aluno “14” do 9º ano “2”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

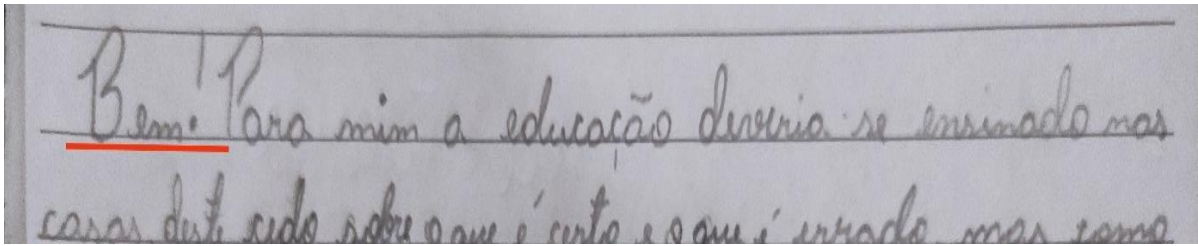
Percebe-se também, a utilização dos termos “bom” e “bem”, os quais referem-se a uma pausa bem como uma ênfase, ou seja, ao usar tais expressões, os alunos tiveram como objetivo realçar a importância de algo. Desta forma, a partir da análise de fragmentos das produções textuais dos alunos “15” e “16”, podemos dizer que escreveram de maneira como se estivessem face a face com outra pessoa. Referente a isto, de acordo com D’olivo, deve-se ter bastante atenção ao utilizar a linguagem escrita, visto que esta se diferencia da oralidade, no qual, termos orais não devem ser empregados na escrita formal, visto que “a escrita de um texto não é uma ação realizada em uma única etapa, pois trata-se de um processo: escrevemos, revisamos nossa escrita, reescrevemos, e assim por diante”. (D’OLIVO, 2018, p. 167).

Figura 15: Fragmento de uma crônica produzida pelo aluno “15” do 9º ano “1”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Figura 16: Fragmento de uma crônica produzida pelo aluno “16” do 9º ano “1”



Fonte: NASCIMENTO, 2022.

A seguir mostra-se uma tabela referente ao segundo teste diagnóstico na qual evidencia-se o total de casos de marcas de oralidades na produção textual dos alunos:

Tabela 5: Total de casos em que se constatou marcas de oralidade na escrita dos alunos a partir da produção textual referente ao segundo teste diagnóstico.

Aluno “9”	Aluno “10”	Aluno “11”	Aluno “12”	Aluno “13”	Aluno “14”	Aluno “15”	Aluno “16”
7	3	4	5	4	5	3	6

Fonte: NASCIMENTO, 2022.

Com base na tabela apresentada, notamos que após o desenvolvimento da oficina, as marcas de oralidade presentes nas produções textuais dos alunos tiveram uma queda de cerca de 38%, visto que na tabela 1 desta pesquisa o primeiro teste diagnóstico mostra-se um total de 56 (cinquenta e seis) casos os quais apresentavam marcas de oralidade, assim, de acordo com a tabela referente ao segundo teste diagnóstico, podemos perceber que há um total de 37 (trinta e sete) casos nas produções textuais analisadas. De acordo com Monteiro (2013), o uso de oficinas em sala de aula, propicia uma forma didática e prazerosa de aprender, facilitando a explicação de conteúdos complexos e maior interação por parte dos estudantes sobre os conteúdos abordados. Desta forma, nota-se a importância de aplicar oficinas em sala de aula, no caso, oficinas referentes as características de ambas as modalidades da linguagem e que contenha em sua estrutura assuntos voltados a marcas de oralidade. No entanto, evidencia-se que, mesmo com as explicações durante a oficina e com todas as atividades passadas durante sua

efetivação, ainda encontram-se marcas de oralidade nas produções escritas dos alunos, porém, de forma menos frequente em relação ao primeiro teste diagnóstico.

Portanto, a partir das análises e exposições feitas neste capítulo, nota-se que as marcas de oralidade fazem-se presentes nas produções escritas dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Constata-se que as duas turmas analisadas possuem o mesmo problema. Percebe-se também que a partir da aplicação da oficina em ambas as turmas, as marcas de oralidades em produções textuais dos alunos diminuíram consideravelmente, no entanto, alguns alunos cometeram os mesmos desvios que foram encontrados no primeiro teste diagnóstico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar as marcas de oralidade em produções escritas dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Assim, compreendeu-se que as marcas de oralidade se fazem presentes nas produções textuais dos alunos. Referente a isto, através dos testes diagnósticos efetuados com as duas turmas pesquisadas, pode-se perceber algumas das diferentes maneiras com que tais marcas são encontradas na escrita dos alunos.

Uma das principais marcas de oralidade encontradas nos textos dos alunos foram as supressões de grafemas e também em outros casos a inserção de grafemas em vocábulos as quais não exigiam. Assim, analisa-se tais fatos como marcas de oralidade, quando a linguagem oral age sobre a linguagem escrita dos alunos.

Outras marcas de oralidade encontradas nas produções escritas dos alunos, deram-se através de gírias, as quais fazem parte diretamente da linguagem oral dos jovens, pois são vistas com mais frequência na linguagem sendo utilizadas por eles, principalmente na linguagem oral. Assim, os alunos acabam reproduzindo as gírias em suas escritas. No que se refere, é importante dizermos que a partir da identificação e análises dessas e outras marcas de oralidade durante a realização desta pesquisa, nos fazem entender que nossos objetivos foram alcançados.

Quanto ao nível de presença de marcas de oralidades nas produções textuais dos alunos, percebemos que é um problema que se apresenta de maneira elevada, visto que, tais afirmações são evidenciadas através das análises das produções escritas e também a partir das respostas das professoras entrevistadas.

Verificamos que a oficina produzida no decorrer desta pesquisa foi de suma importância para ser trabalhada em sala de aula, pois a partir de sua realização foi possível perceber uma melhora significativa em relação às marcas de oralidade nas escritas dos alunos, haja vista que depois das explicações dadas e com a aplicação do segundo teste diagnóstico constatamos que as marcas de oralidades nas produções dos alunos diminuíram consideravelmente em relação ao primeiro teste diagnóstico.

O objetivo geral desta pesquisa baseou-se em investigar as marcas de oralidade presentes nas produções textuais dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e tivemos como questões norteadoras as seguintes: o nível das

marcas de oralidade presentes em produções textuais dos alunos, se a linguagem oral age sobre a linguagem escrita e se o uso de oficinas pode contribuir para a efetivação da escrita dos alunos. Desta forma, compreende-se que nossos objetivos foram alcançados de maneira satisfatória bem como nossas hipóteses se confirmaram.

Portanto, a partir deste trabalho, buscamos contribuir com os estudos voltados à linguagem oral, linguagem escrita e marcas de oralidade. Deste modo, esta pesquisa torna-se importante para todos aqueles que buscam conhecimento acerca de ambas as modalidades e mais especificamente as marcas de oralidade de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- ANDRADE, MLCV de O. **Língua**: modalidade oral/escrita. Universidade Estadual Paulista. Prograd. Caderno de Formação: Formação de Professores Didática Geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 11, p. 50-67, 2011.
- ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como faz. 50^o ed. São Paulo: Editora Loyola, 2008.
- BESSA, Maria Jaqueline Rocha; OLIVEIRA, Maria Dayane de; BEZERRA, Lidiane de Moraes Diógenes. **A influência da oralidade na aquisição da escrita dos alunos do ensino fundamental de nove anos**. Revista do Centro de Educação e Letras. V.14, n^o 2, Foz do Iguaçu, 2012, p. 199-214.
- BORTOLUZZI, Bianca Mora; CRISTOFOLINI, Carla. **Oralidade e a aquisição da linguagem escrita dos alunos em uma escola pública**. Revista Acadêmica de Letras Português. n. 01, (2013), p. 107-116.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/MEC. 2018.
- CRESCITELLI, M.C; REIS, A.S. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, V.M. (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa**: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011.
- D'OLIVO, Fernanda Moraes. **Prática e produção de texto**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE Maria Lúcia C.V. O; AQUINO, Zilda G.O **Oralidade e escrita**: perspectiva para o ensino de língua materna. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 3. Ed. Manaus, AM: Valer, 2008.

FORNAZARI, Valéria Brumato Regina; OBARA, Ana Tiyomi. **O uso de oficinas pedagógicas como estratégia de ensino e aprendizagem: a bacia hidrográfica como tema de estudo.** Investigações em Ensino de Ciências – V22 (2), p. 166-185, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GORSKI; COELHO, I.L. “O português são dois”... ainda “em busca do tempo perdido”. In: E.M. GORSKI; COELHO, I.L. (Orgs.) **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 277-288.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa.** Belo Horizonte: Anima Educação, 2014.

GURGEL, João Bosco Serra e. **Dicionário de gíria: modismo linguístico: o equipamento falado do brasileiro.** 7.ed. Brasília: J.B. Serra & Gurgel, 2005.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Guia de pesquisa e documentação para o INDL: Patrimônio cultural e diversidade linguística / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Brasília - DF,** 2016.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Observação, Entrevista e Análise documental.** Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, p. 35-44.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antonio e DIONISIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita.** 1. Ed., 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MENDES, Eber da Cunha. **Métodos e técnicas de pesquisa.** Serra, ES: Centro de Ensino Superior Fabra, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, Heloíza Ribeiro de Sena Monteiro; SOUSA, Andressa Ingrid da Silva Ramos de; MARTINS, Hellen Neves Fontineles; FARIAS, Patrícia Pilar. **Estratégias de ensino: propostas multidisciplinares de aprendizagens significativas.** Teresina, EDUFPI, 2013.

MUNIZ, Dinéia Maria Sobral; CRUZ, Maria de Fátima B. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** Revista da Faced, nº 09, (2005), p.281-284.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica.** Projetos de pesquisa, TGI, TCC, Monografia, Dissertações e Teses. São Paulo: Pioneira, 2001.

OLIVEIRA, Tatiane de. **As Modalidades oral e escrita da língua portuguesa: um tratamento sociolinguístico na escola.** 2011.

PATRIOTA, L. M. **A gíria comum na interação em sala de aula.** São Paulo: Cortez, 2009.

PERINI, Mário Alberto. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

POLL, Von Muhlen Margarete. **Ensino de Língua Portuguesa: relações entre o saber científico e a prática social da linguagem,** Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Tese de doutorado, Belo Horizonte, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico-2ª Edição.** Editora Feevale, 2013.

SÁ, Edimilson José de. **Estudos de variação Linguística: o que é preciso saber e por onde começar.** São Paulo: Textonovo, 2007.

SAUSSURE, Fernand, **curso de Linguística geral.** Ed.22. São Paulo. 2000.

SILVA, Joseane Nascimento Lima da. **Marcas da oralidade na escrita: um estudo reflexivo das produções textuais dos alunos da 5ª série, da Escola Estadual Edeli Mantovani.** Revista Eventos Pedagógicos. V.3, n.1, número especial, p. 426 – 436, Abr. 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE “A”

Ofício para autorização de pesquisa.



De: PROFª MSC. MARIA CELESTE DE SOUZA CARDOSO.

Curso de Licenciatura em Letras.

Para: ALBERTO CRISTIANO SOARES.

Gestor da Escola Estadual “São José Operário”

Encaminhamos a acadêmica ANTONIO DONALDSON PEREIRA DO NASCIMENTO, regularmente matriculado no 8º período do Curso de Licenciatura em Letras, na Universidade do Estado do Amazonas – UEA, ofertado no Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP/UEA.

O objetivo do encaminhamento é a solicitação de autorização para a realização de pesquisa de campo e coleta dos dados necessários para efetivação de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) neste estabelecimento de ensino, sob a orientação da Prof. MsC. Maria Celeste de Souza Cardoso.

Neste sentido, contamos com vossa colaboração.

Atenciosamente.

MARIA CELESTE DE SOUZA CARDOSO
PROFESSORA

Alberto Cristiano Soares
GESTOR / EESJO
Port. GS 582 / 10/06/21

Parintins, 19 de julho de 2022.

Recebido em: 19/07/2022

Reitoria
Av. Djalma Batista, 3578 - Flores
Cep: 69050-010 / Manaus-AM
www.uea.edu.br

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

APÊNDICE “B”

Entrevista com às professoras de Língua Portuguesa

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ENTREVISTA PROJETO TCC: PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO
ENSINO FUNDAMENTAL

1. Qual seu nome, formação profissional e há quanto tempo você trabalha como professor de Língua Portuguesa?
2. Você poderia conceituar linguagem oral e linguagem escrita?
3. É comum encontrar marcas da oralidade nas produções textuais dos alunos?
4. Você acha mais importante ser trabalhado em sala de aula: a linguagem oral ou a linguagem escrita? Por quê?
5. Qual a importância de se trabalhar as marcas da oralidade em sala de aula?
6. De que maneira você trabalha assuntos relacionados as marcas de oralidades em produções textuais?
7. O que você sabe sobre a Sociolinguística? Ela pode ser trabalhada em sala de aula? De que forma?

EU, Franismary Bentes da Silva AUTORIZO
A UTILIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES PARA FINS DE TRABALHO CIENTÍFICO.

DATA: 16/09/2022

APÊNDICE “C”**PRIMEIRO TESTE DIAGNÓSTICO****Teste Diagnóstico I****Aluno:** _____**Turma:** _____**Data:** ____/____/____**TEMA: EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA**

Às vezes, escutamos nossos pais falando que antigamente tudo era bem diferente: eles brincavam nas ruas, não tinha violência e havia muito menos apologias a ela. Os tempos mudaram, violência é rotina e muitos princípios têm sido colocados à prova. Atitudes violentas envolvendo jovens aparecem sempre na mídia.

Muitas crianças e adolescentes veem brigas dentro de casa e até na novela. Nesse contexto, professores, que têm obrigação de passar conhecimento, acabam tendo que educar. Mas a educação vem de casa, junto com o caráter psicológico de cada um. E acho que aí está a causa de tanto desrespeito nas escolas: a culpa não é dos professores nem dos alunos, mas da falta de diálogo sobre o que é certo e errado.

A educação que os pais passam para seus filhos é essencial para formar uma pessoa. É importante reunir a família e jogar limpo numa conversa no meio da mesa!

Revista capricho, 26 de abril de 2009

- 01. Faça a leitura do texto de maneira silenciosa.**
- 02. Qual sua opinião a respeito da educação dos jovens? Produza um texto escrito do gênero crônica (segundo a norma padrão da língua) com no mínimo 20 linhas. Exponha suas ideias e opiniões.**

APÊNDICE “D”

PROPOSTA DE OFICINA

TÍTULO: LINGUAGEM ORAL, LINGUAGEM ESCRITA E AS MARCAS DE ORALIDADE EM PRODUÇÕES TEXTUAIS.

CONTEÚDO: As marcas da oralidade em produções textuais, linguagem oral, linguagem escrita, norma padrão.

OBJETIVO: Aplicar atividades envolvendo as marcas da oralidade em produções textuais para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual São José Operário, no município de Parintins - AM.

PÚBLICO-ALVO: Alunos do 9º ano do ensino Fundamental.

AValiação DA OFICINA: A avaliação dar-se-á através de algumas questões que o pesquisador levará em um papel para saber qual a opinião dos alunos em relação à oficina.

DURAÇÃO: 80 minutos (2 tempos de aula).

ATIVIDADES:

1º Atividade: Características da linguagem oral e escrita.

Descrição da Atividade: O pesquisador mostrará aos alunos as diferenças existentes entre a linguagem oral e linguagem escrita, desta forma, será evidenciado através de slides as características de cada uma das modalidades da língua.

Objetivo: Mostrar aos alunos as características da linguagem oral e da linguagem escrita da Língua Portuguesa.

Duração: 20 minutos.

2º Atividade: Eliminando as marcas da oralidade das produções textuais.

Esta atividade será dividida em dois momentos: no primeiro, será trabalhada a identificação e as marcas da oralidade presentes em textos escritos pelos próprios alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Referente ao segundo momento, os alunos farão uma retextualização de seus respectivos textos produzidos no primeiro teste diagnóstico, buscando transformar as marcas da oralidade para a norma padrão da Língua Portuguesa.

Descrição da atividade no primeiro momento: O pesquisador mostrará aos alunos um texto que não possui marcas da oralidade. Em seguida, evidenciará outros textos produzidos pelos alunos no primeiro teste diagnóstico, no qual, apresentam marcas da oralidade. Depois, pedirá que cada um dos alunos identifique tais marcas da oralidade.

Objetivo: Ajudar os alunos a identificar e classificar as marcas das oralidades presentes em textos.

Duração: 20 minutos.

Descrição da atividade no segundo momento: Após os alunos terem identificado as marcas da oralidade em seus respectivos textos, será mostrado a eles através de slides alguns exemplos de retextualizações. Após isso, o pesquisador pedirá aos alunos que façam uma retextualização de alguns textos, buscando trocar as marcas orais presentes, pela norma padrão da Língua Portuguesa, que sob a ótica da gramática normativa é a que rege a escrita.

Objetivo: Fazer com que os alunos possam eliminar as marcas da oralidade de suas produções textuais. Levá-los a compreender que na linguagem oral existe variações, no entanto, na linguagem escrita à gramática normativa não permite tais desvios.

Duração da atividade: 40 minutos.

OBRAS CONSULTADAS

CAMPOS, M. C.R. M. MACEDO, L. **Desenvolvimento da Função Mediadora do Professor em Oficinas de Jogos**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, pag. 211-220. Volume 15, número 2, julho/dezembro de 2011. São Paulo - SP.

DOS SANTOS, M. J. C. **Reaprender frações por meio de oficinas pedagógicas: desafio para a formação inicial**. Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira, Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2007.

SILVA, Shirley Dos Santos. **Manual para estruturação de oficina pedagógica**. Dissertação de Mestrado - Programa de pós-graduação criatividade e inovação em metodologias de ensino superior do núcleo de inovação em tecnologias aplicadas a ensino e extensão, Universidade Federal do Pará - UFP, Belém, Pará, 2019.

SOUZA, Valdeci Alexandre de. **Oficinas pedagógicas como estratégia de ensino: uma visão dos futuros professores de ciências naturais**. Monografia (Licenciatura em Ciências Naturais). Faculdade UnB Planaltina – DF. 2016.

APÊNDICE “E”

SEGUNDO TESTE DIAGNÓSTICO

Teste Diagnóstico II

Aluno: _____

Turma: _____

Data: ____/____/____

TEMA: A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA

Assim como a família, a escola tem também sua fundamental importância para o aprendizado de todos nós, principalmente das crianças e adolescentes.

Todos sabemos a importância que o acesso à educação tem na vida de uma pessoa, não somente para que ela possa almejar um futuro melhor, mas para que faça parte da construção de uma sociedade melhor.

A escola possibilita através da convivência uns com os outros uma troca de conhecimento, um amadurecimento intelectual e amistoso, contribuindo assim para o convívio social. Além disso, é responsável pelas áreas científicas que produzem conhecimento, conteúdos que serão usados nas diversas atividades vividas pelos estudantes no decorrer de suas vidas.

Disponível em: <https://www.tenenteportela.rs.gov.br/noticia/4251/a-importancia-da-escola-em-nossa-vida/#:~:text=Assim%20como%20a%20fam%C3%ADlia%2C%20a,assim%20para%20o%20conv%C3%ADvio%20social>.

01. Faça a leitura do texto de maneira silenciosa.

02. Qual sua opinião a respeito da importância da escola? Produza um texto escrito do gênero crônica (segundo a norma padrão da língua) com no mínimo 20 linhas. Exponha suas ideias e opiniões.

ANEXOS

Anexo “A”

Fotos da aplicação da Oficina



Anexo "B"

Produção textual dos alunos

A educação dos jovens é de suma importância antes de começar a estudar.

Porque quando alguma criança não é educada em casa sobre o que é certo e errado, ela chega à escola e simplesmente faz o que bem entender, some: responder os professores e seus colegas agressivamente, desrespeita-los e até mesmo, agredi-los.

Além disso, outro elemento que causa esses comportamentos, é a falta de diálogos dos pais com os filhos. Ao invés deles conversarem, eles preferem agredir achando que vai resolver algo, sendo que, violência só causa mais violência.

Portanto, é necessário que os pais dialoguem com os filhos para que assim, eles entendam o que é certo e errado.

Anexo "C"**Produção textual dos alunos**

Toda educação do jovem devem vir de casa, porém muitos pais dão essa educação mais o mundo que vivemos hoje já não é o mesmo as mídias ensinam cada coisa que se os jovens veem já querem repetir como fumar, beber álcool, fazer sexo roubar e então os jovens não querem obedecer dar respeito aos pais, mais se um amiguinho chamar pra fazer o mal, eles não pensam duas vezes antes de falar sim. É quando o pai pede pra ir lavar uma louça eles já querem responder ficam com raiva, porque não conseguem sair um minuto do celular. É quanto mais o tempo passar mas eles vão se tornando mal criados por não quererem ouvir o conselho dos pais, eles já acham dono de si mais é só olhar a cara que eles vão saber rapidinho quem colocou eles no mundo e deu vários conselhos para serem alguém lá no futuro. Resumidamente pessoas assim nem segunda chance não merecem mais do que adianta, como diz o ditado a polícia prende e a justiça solta.

Anexo "D"

Produção textual dos alunos

Bom a falta de educação dos jovens vem aumentando muito ao decorrer do tempo e em muito opressão e falta de diálogo com os pais em casa e a mal convivência dentro de casa ou em algum lugar e um dos motivos de tanta violência, isso deve acontecer por meio do estímulo e a participação, a discussão, crítica e a resolução de problemas reais da vida cotidiana.

É importante a educação desde a infância quando investimos na educação constante e de maneira prematura, temos que um determinado indivíduo irá receber todas as afirmações necessárias e aprenderá sobre aspectos que são considerados errados ou corretos perante a sociedade, com sua inteligência sendo trabalhada, esta pessoa ou estas pessoas poderão criar, além de ajuda a desempenhar seu papel com um cidadão-exemplar.

Quando de todos será super importante e também nunca devemos julgar alguém porque não sabemos os motivos ou os problemas que talvez estas pessoas estejam sofrendo, atitudes ou comportamentos ruins, ou desagradáveis.

Anexo "E"

Produção textual dos alunos

A importância da escola

A escola é muito importante para todos nós, pois é ela que contribui no nosso convívio social com as pessoas.

Além da família, a escola é fundamental para o aprendizado de todos nós, principalmente das crianças. Ela também possibilita através da convivência com os outros, novos conhecimentos, respeito e esperança de um mundo melhor. É dever da escola assegurar os alunos com educação para um bom convívio na sociedade, assim como oferece grandes projetos para que o estudante fique cada vez mais empenhado nos seus estudos. A escola também dispõe parceria com as famílias dos estudantes para sempre estarem acompanhando seus filhos na vida escolar. Seu papel é transmitir conteúdo, mas também proporcionar um ambiente que estimule o desenvolvimento social do indivíduo.

Portanto, a escola tem suma importância na nossa vida, principalmente na formação de estudantes do nosso país.